

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

DANIEL FERREIRA DE CARVALHO

**TEORIAS CONSPIRATÓRIAS**  
Breve análise do impacto da narrativa

Rio de Janeiro  
2018

DANIEL FERREIRA DE CARVALHO

**TEORIAS CONSPIRATÓRIAS:**

Breve análise do impacto da narrativa

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado à Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, como parte das  
exigências para a obtenção do título de  
Bacharel em História.

Local, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. (Henrique Gusmão)  
Afiliações

---

Prof. (Nome do professor avaliador)  
Afiliações

---

Prof. (Nome do professor avaliador)  
Afiliações

DANIEL FERREIRA DE CARVALHO

TEORIAS CONSPIRATÓRIAS:

Breve análise do impacto da narrativa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em História.

Orientador: Dr. Henrique Gusmão

RIO DE JANEIRO

2018

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelos valores passados para mim, pelo carinho, pelo amor e pela dedicação. Perdê-los nesta trajetória foi um grande impacto, mas me fez valorizar e praticar tudo que aprendi, inclusive a resiliência e a persistência para conquistar. Estarão sempre comigo.

Aos meus tios e tias, que respeitaram minha ausência, entendendo que o meu luto foi continuar os estudos. Daí o gosto de redenção da conclusão, pois, sei que poderei receber estes abraços que estavam disponíveis me aguardando em todo este tempo. Amo vocês, foi motivador todas as vezes que recebi a torcida de vocês acompanhado de “estamos esperando”.

Aos amigos da faculdade que me apoiaram com suas companhias e compartilhando seus sonhos, projetos, tempo e, principalmente ansiedades. Como sofremos! Gabriel Pereira, Ingrid Ariane obrigado pela companhia e o apoio até o final!

Ao meu orientador, Henrique Gusmão, que me incentivou e me fez acreditar. Foi muito motivador trabalhar em algo que julgamos interessante e aprender no processo, mesmo com todos os riscos.

À Família Amaral, Almeir Amaral, Marinês Fonseca e Lucas Fonseca, que me assessoraram muito nesta reta final que coincidiu com os preparativos da chegada do Danilo, meu filho.

Aos amigos, Antônio, pelo apoio e debates e Beth pela a valorosa paciência e doação na ajuda da revisão deste trabalho. Muito obrigado, mesmo!

À minha esposa, Juliana Fonseca, por ser meu porto seguro. Por me ajudar a nunca desistir, por ter a palavra certa para o momento certo. Por ser um exemplo de força e gentileza ao mesmo tempo. Te amo muito, mais ainda agora com a chegada do fruto do nosso amor.

Ao Danilo, meu filho, que está quase nascendo, mas que a cada chutinho na barriga já me cobrava para concluir a pesquisa logo porque ele estava chegando para brincar.

Por último, em especial, Àquele que me deu a narrativa da vida, que me mostrou um sentindo para encarar a realidade e me deu forças nos momentos mais difíceis, me mostrando que ainda havia um caminho, um objetivo no horizonte para alcançar. Sua presença contínua, seu amor e sua força me alcançaram e espero ser digno de compartilhar de sua narrativa com outras pessoas que precisam também.

*“Mas, se a atividade narrativa está tão intimamente ligada à nossa vida cotidiana, será que não interpretamos a vida como ficção e, ao interpretar a realidade, não lhe acrescentamos elementos ficcionais?”*

*(Umberto Eco)*

## RESUMO

Carvalho, Daniel Ferreira. **Teorias Conspiratórias**: breve análise do impacto da narrativa. Rio de Janeiro, 2018. Dissertação (bacharelado de História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Este é um estudo a respeito dos impactos da narrativa conspiratória na sociedade pelo uso da combinação de elementos ficcionais e dados reais, tendo como foco a análise de exemplos encontrados na historiografia e na contemporaneidade. Sustento o argumento de que tais narrativas são muito recorrentes pela força da cultura de entretenimento, e que elas alcançam maior abrangência em períodos de crise. Busco compreender o efeito ficcional na reação do leitor e do consumidor midiático, na construção de sua compreensão de realidade e de como esta construção pode se apresentar como mais um elemento explicativo de eventos históricos. Esta perspectiva, além de evidenciar a necessidade de atenção para a relação da narrativa com o leitor e a sua importância para estudo na área da História cultural, valoriza a atenção para os modos de escrita e argumentação que procuram produzir efeitos de verdade sobre o passado.

**Palavras-chave:** Teorias Conspiratórias. Narrativa. Ficção. Reação do leitor. Mentalidades.

## Lista de Ilustrações

1. Figura 1- Memes sobre polarização partidária da sociedade - pág. 10;
2. Figura 2 – Memes corrupção generalizada organizada por um grupo – pág. 11;
3. Figura 3 – Memes anseio por intervenção militar – pág. 11;
4. Figura 4 – Tutorial para identificar notícias falsas – pág. 38;
5. Figura 5 – Características ficcionais em notícias falsas – pág. 39.

# Sumário

<b>1</b>	<b><i>Introdução</i></b> .....	<b>7</b>
<b>2</b>	<b><i>Narrativas Conspiratórias - percepção na sociedade</i></b> .....	<b>10</b>
2.1	O ciclo da conspiração na crise .....	12
2.2	Apresentações de Narrativas Conspiratórias na Cultura .....	14
2.3	Cultura do mito da Conspiração.....	15
<b>3</b>	<b><i>A Reação do Leitor</i></b> .....	<b>25</b>
3.1	O Discurso .....	25
3.2	O Plurilinguismo romanesco.....	27
3.3	Suspensão da Incredulidade .....	28
3.4	Verossimilhança com o real ou Realismo Formal.....	30
3.5	Personagens Planos e Redondos.....	31
<b>4</b>	<b><i>Exemplos de Narrativas Conspiratórias e seus Elementos Ficcionalis</i></b> .....	<b>33</b>
4.1	Os Protocolos Dos Sábios De Sião .....	34
4.2	A Conspiração Aberta.....	34
4.3	A Verdadeira História Do Clube Bilderberg.....	35
<b>5</b>	<b><i>Identificando uma narrativa conspiratória</i></b> .....	<b>38</b>
<b>6</b>	<b><i>Combate à narrativa conspiratória</i></b> .....	<b>40</b>
<b>7</b>	<b><i>A narrativa na História Cultural</i></b> .....	<b>42</b>
<b>8</b>	<b><i>Conclusão</i></b> .....	<b>48</b>
	<b><i>Referências</i></b> .....	<b>51</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Narrativa, assim como outros conceitos de produção escrita, está em constante transformação. Talvez, o caminho mais sofisticado para seu estudo fosse a análise semântica como a do riquíssimo trabalho de Koselleck (2006); no entanto, esta abordagem, possivelmente, não seria capaz de provocar uma reflexão sobre seu impacto como se pretende apresentar nesta pesquisa. Opta-se, portanto, por observarmos o efeito dos seus elementos ficcionais, assim, ao invés de analisar a definição do conceito de narrativa e sua flexibilidade ao longo do tempo, teremos como foco sua utilização híbrida e seu impacto na experiência do leitor. Nesta pesquisa, busca-se demonstrar que a narrativa é fundamental para o ofício do historiador e que seu uso não representa apenas uma responsabilidade política de posicionamento, mas de instrução social. Não se trata, pois, de representar ou defender um discurso de "verdade", mas de apresentar e demonstrar o funcionamento de pequenos mecanismos narrativos para permitir ao leitor uma capacidade de questionar e de se convencer ou de exercitar seu senso crítico.

Ao estudar História busca-se compreender fatos do passado, muitos deles estão presentes na nossa realidade. Abordando-os pelo viés cultural, amplia-se a possibilidade de desvendarmos de outros ângulos um mundo menos calculável ou épico, ou seja, mais humano e empático. Esta forma de abordagem, denominada História Cultural, permite valorizar enredos e expandir horizontes de perspectivas tornando-se uma opção bem interessante contra algo que poucos historiadores, como White (1992), criticaram: o limite das possibilidades de se escrever história devido à incompreensão do impacto do uso da escrita em construções textuais para divulgar uma pesquisa histórica, seja pelo seu estilo ou pela estratégia de elaboração de enredo, seja por questões de implicações ideológicas que o autor acaba tacitamente investindo em sua pesquisa ou pela seleção de repertório de palavras, conceitos e estilos na construção de argumentos que correm o risco de se tornarem reféns da filosofia da história. A estes quesitos expostos por White (1992), é possível acrescentar, para esta análise específica, a diminuição da acessibilidade ao grande público, principalmente por não ser capaz de expor a gama de resultados que o pesquisador foi capaz de encontrar perdendo espaço para especialistas de outras áreas como jornalistas, autores literários e até narrativas conspiratórias. Ora, o uso e abuso da História já foram, amiúde, denunciados por vários historiadores sensíveis à responsabilidade que a disciplina carrega no cenário político. No entanto, a ferramenta narrativa, uma vez mal compreendida ou ainda não sendo percebido o

potencial de seu uso científico, pode se desdobrar em consequências políticas, tendo em vista a importância que esta carrega na construção da cosmogonia social.

Este estudo está dividido em seis partes. O primeiro capítulo expõe sobre o uso e abuso das narrativas ficcionais e conspiratórias em nossa realidade, suas consequências e suscita uma pequena reflexão comparando o argumento de Girardet (1987) de que a reprodução de narrativas conspiratórias se tornam mais suscetíveis sobre o cenário de crise política com a hipótese desta pesquisa que defende a ideia de que em nosso cotidiano somos convidados a exercitar mentalmente tal enredo ficcional tornando a crise política apenas mais um cenário de exposição potencializada.

Tendo como base o viés cultural, será abordado o papel histórico de narrativas ficcionais como folhetins e livros de romance que foram capazes de promoverem entendimentos dúbios da realidade política na Europa, desde o século XVIII, por exemplo.

No segundo capítulo, investiga-se a reação do leitor, quanto às características contidas em técnicas de narrativas ficcionais capazes de convencer seu público, para compreender como foram possíveis seus usos e abusos nas tentativas de explicação da realidade.

No terceiro capítulo, observamos o uso destas técnicas em textos e obras contemporâneas que possuem influências semelhantes de teor conspiratório em seu público leitor.

No quarto capítulo, demonstra-se a possibilidade de instruir o leitor quanto à possibilidade de identificar elementos ficcionais em narrativas de diferentes formas de discursos que nos atingem, diariamente, utilizando os mesmos elementos estudados no segundo capítulo.

No quinto capítulo, são apresentados caminhos que têm sido discutidos para mitigar ou combater o impacto nocivo de narrativas conspiratórias em nossa realidade.

Por fim, no sexto capítulo, pretende-se contextualizar os pontos abordados sob perspectiva da História Cultural. Considerando a importância da narrativa e seu impacto de convencimento na mentalidade de seus leitores, centraliza-se o foco da história na ação do homem, seguindo a tradição dos *Annales* e na busca da construção de uma forma de se fazer história, através de narrativas capazes de conectar a pesquisa do historiador com o leitor.

Com este estudo espera-se contribuir com a conscientização do historiador quanto ao estudo das teorias da história, da narrativa e da valorização de sua importância como ferramenta para instruir a sociedade.

## 2 NARRATIVAS CONSPIRATÓRIAS - PERCEPÇÃO NA SOCIEDADE

A inspiração para este estudo se deu justamente ao testemunhar um diálogo entre duas pessoas aleatórias vivendo os seus desafios cotidianos e explicando os mesmos como consequência de um esquema organizado com o objetivo de prejudicá-los. A construção do raciocínio que ecoou e encontrou ratificação no entendimento de boa parte dos ouvintes próximos é o ponto mais interessante, pois de todas as possibilidades de hipóteses que poderiam explicar o caos que todos estavam vivendo, foi justamente o cenário de *outros* desconhecidos com o poder de manipular instrumentos capazes de impactar no ambiente em que *nós* estamos inseridos e com o objetivo nebuloso, intangível ou oculto foi a narrativa mais plausível de se explicar a situação. Por que esta escolha? Como ela se processa? Qual é o impacto desta forma de pensar para explicar situações mais complexas? Enfim, foi desta forma que esta pesquisa teve início, na busca da compreensão desta mentalidade e na curiosidade de encontrar seus desdobramentos.

Assim o debate político nacional de 2016 discutido nas redes sociais através de uma metalinguagem, ou seja, reduzido em imagens: críticas, discursos conspiratórios e radicais, preconceituosos e ao mesmo tempo cômicos, também foram notados sob a ótica da conspiração.



FIGURA1 MEME SOBRE POLARIZAÇÃO PARTIDÁRIA DA SOCIEDADE(FONTE: FACEBOOK)



FIGURA 2- MEME CORRUPÇÃO GENERALIZADA ORGANIZADA POR UMGRUPO (FONTE:FACEBOOK)



FIGURA 3 – MEME ANSEIO POR INTERVENÇÃO MILITAR (FONTE: FACEBOOK)

Sob o cenário de uma crise institucional, econômica e, principalmente, política, explicaram-se impasses presentes através do uso de boatos para desacreditar o oponente ideológico. Pôde-se, assim, observar um aumento de adesão em atos políticos de origem popular nas ruas do país. Tal fenômeno repercutiu em todas as casas em que se discutia a respeito de política; amigos e familiares se dividiram sobre o assunto, pois, se acreditava, de forma passional, em temas que, num histórico recente no país, aparentavam estar esquecidos ou profundamente adormecidos na massa da população. Assim, discursos como "o perigo comunista", "a corrupção generalizada e planejada por apenas um grupo político" e ou ainda a "volta das forças armadas ao poder", figuravam entre os argumentos debatidos sobre o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Todos estes temas foram motivados pelos discursos metalinguísticos denominados *memes*, que por assumirem um formato popular, e,

por serem altamente reproduzidos em mídias de grande acesso, como redes sociais e grupos de *Whatsapp*, conseguiram influenciar a população, não apenas de sua significância, mas também que suas mensagens traduziam a verdade de forma simplificada, como se fosse um resumo.

Ora, o aumento da participação popular foi uma reação às ideias transmitidas e debatidas dentro de seu contexto, em cenário de crise. Não foi o discurso de um líder político, ou índices da economia, ou mesmo o aumento do desemprego e da insegurança pública, que, por serem noticiados diariamente, dentro de seus contextos em explicações de especialistas, que moveram a indignação. Mas, quando todos estes cenários foram explicados de forma simplificada de causa e efeito, possuindo um núcleo responsável por todos os males, surgiu a efervescência na *web*. A construção deste fenômeno se encaixa com o modelo explicativo de Girardet (1987)<sup>1</sup>, que apresenta os cenários de crises como um mecanismo ideal para uma experiência social e política, onde as sociedades costumam atravessar ciclos de mentalidades e construções ideológicas. Girardet (1987) define quatro ciclos: da conspiração, o salvador, a idade de ouro e a unidade. Reparem que o cerne da questão não é a efetividade da ação popular na política no cenário nacional ou se seus discursos são representações fidedignas da realidade, mas o fato de tais discursos serem capazes de aglutinar tais manifestações que sofriam um hiato desde 1992, quando da atuação *dos caras pintadas*<sup>2</sup>.

## 2.1 O CICLO DA CONSPIRAÇÃO NA CRISE

Apesar de o modelo abarcar quatro ciclos de mentalidades, nos deteremos no primeiro: a conspiração. Girardet (1987) inicia sua exposição ao tema apresentando ao seu leitor três narrativas ficcionais que exemplificam organizações estruturadas com um objetivo: incitar mudanças nas bases da sociedade, influenciando suas decisões através de manipulações e construção de crises; impondo, assim, seu domínio e sua vontade. Seguindo sua exposição, Girardet (1987) revela o estereótipo de cada narrativa de complô: o maçônico, o jesuítico e o judaico.

Pertencendo a um mesmo gênero literário – o romance folhetim tal como foi concebido e praticado ao longo do século passado -, dirigindo-se a um mesmo público apaixonado pela aventura e pelo sensacional, as três narrativas em questão constituem um repertório privilegiado de temas, de imagens e de referências. (GIRARDET, 1987, p.33)

<sup>1</sup> Autor de “*Mitos e mitologias políticas*” livro publicado pela Companhia das Letras (vide bibliografia) Girardet é um historiador francês, doutor em letras e foi professor da Universidade de Paris.

<sup>2</sup> Os Caras-pintadas foi o nome pelo qual ficou conhecido o movimento estudantil brasileiro realizado no decorrer do ano de 1992 que teve, como objetivo principal, o impeachment do presidente do Brasil.

No entanto, independente dos elementos utilizados na construção das narrativas, seus pontos principais dialogam entre si, os quais poderiam resumir o enredo em: a organização oculta está por trás de cada crise que acomete a sociedade com o objetivo de dominá-la. A estratégia da elaboração da narrativa em acomodar camadas de argumentos, com preconceitos e fatos históricos se aproxima do comportamento de um mito, pois tais narrativas, mesmo com alterações de personagens, cenários e outros elementos, conseguem dialogar com as referências da realidade do leitor, mantendo a estrutura de seu enredo estática. Seguindo a lógica do pensamento de Lévi-Strauss (1978) poderíamos considerar estas narrativas como um mito construído na sociedade ocidental no período moderno.

“A mitologia é estática: encontramos os mesmos elementos mitológicos combinados de infinitas maneiras, mas num sistema fechado, contrapondo-se à História que, evidentemente, é um sistema aberto.” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p.49)

Tais narrativas carregam em si elementos simbólicos capazes de dialogar com fenômenos sociais contemporâneos aos seus leitores. Girardet (1987) sugere a ideia de enredo de uma organização vinculada por laços de segredos com objetivos ocultos para a maioria de seus membros, tais segredos são revelados a poucos que atingem o alto grau da hierarquia. Estas narrativas foram capazes de transformar leigos em crédulos, com grande ceticismo a explicações menos atraentes.

“*Os Protocolos dos Sábios de Sião*” citado por Girardet (1987), obra de ficção que, levada a sério, influenciou discursos políticos na Alemanha nazista contra comunidades judaicas, é mais um exemplo de como este tipo de narrativa alcançou e influenciou a sociedade.

Les protocoles des sages de Sion (Os protocolos dos sábios de Sião): sabe-se que essa falsificação, fabricada nos últimos anos do século XIX por diversos serviços da polícia czarista, conheceu, antes da Primeira Guerra Mundial e sobretudo entre as duas guerras, uma prodigiosa difusão, alcançando em certos momentos tiragens que parecem ter igualado as da própria Bíblia. (GIRARDET, 1987, p.32)

O poder de sua influência está na simplificação da explicação que a narrativa carrega no esclarecimento de algum fenômeno ou crise vivenciada, normalmente vinculada a um segmento da população, o qual pode ser rotulado algum preconceito moral, político e religioso. Este último elemento, é comumente explorado sob pretexto de embate entre ideias “revolucionárias” antagonistas ao estilo de vida cristão. Daí a ampla divulgação de tais narrativas sob prisma crítico da contestação e com ares de resistência moral e religiosa contra “a organização” e seus planos. Sem deixar de mencionar a função tática nos debates políticos:

“[...] a acusação de complô não cessou de ser utilizada pelo poder estabelecido para livrar-se de seus suspeitos ou de seus opositores, para legitimar os expurgos e as exclusões, bem como para camuflar suas próprias falhas e seus próprios fracassos.” (GIRARDET, 1987, p.49)

## 2.2 APRESENTAÇÕES DE NARRATIVAS CONSPIRATÓRIAS NA CULTURA

Tendo como base o ciclo da conspiração Girardet (1987), é possível percebermos uma adaptação nas narrativas conspiratórias recentes, pois, para além da abordagem antissemita dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, não é apenas o mundo Cristão que sofre ameaça, mas sim o estilo de vida individual, a liberdade de expressão, a propriedade, enfim, conceitos e ideologias que remetem para a modernidade. Devido a isso, abre-se a possibilidade de supor que o veículo de propagação do "receio apocalíptico", ou da "nova ordem mundial", não se traduzem somente em elementos religiosos, mas também em aspectos culturais.

O tema conspiratório é uma ideia recorrente e naturalizada, por exemplo, na cultura ocidental mediante ferramentas midiáticas como: filmes, seriados, novelas, peças de teatros, revistas em quadrinhos, canais do Youtube, entre outros. As ideias de dominação mundial pelos motivos mais banais apresentados pela mídia de entretenimento auxiliam aos seus consumidores a absorverem estes conteúdos através do método, isto é, ignorar a motivação focando sua atenção no processo de dominação, o qual poderia tomar forma: seja pela instalação de um chip no corpo, seja pela percepção de sua vida inteiramente registrada na internet ou ainda sua vida sendo alterada por decisões políticas polêmicas sobre os quais não concordam demonstrando a impotência popular na democracia. Estes exercícios diários, provocado pelo entretenimento, permitem ao seu público estar sempre vigilante sobre alguma alteração de sua normalidade percebida, tendo assim, no momento de uma crise, um baú de conceitos e referências passíveis de manipulação sob uma teoria conspiratória disponível na mente de cada cidadão, sendo necessário apenas o direcionamento da chave do discurso ideológico, normalmente carregado de preconceitos e/ou mitos.

Seja por puro divertimento como uma espécie de inventário que se encontra no livro das conspirações<sup>3</sup>, onde se pode encontrar desde grupos antológicos compartilhando do objetivo da dominação mundial até extraterrestres (frutos ou não da ficção de nosso século, como saber?) ou por uso político como em os "*Protocolos dos Sábios de Sião*" e seus semelhantes disponíveis para download como "*A verdadeira História do clube Bilderberg*", o

---

<sup>3</sup> (Aran 2016)



resultado parece mais amplo do que Girardet (1987) havia apontado em seu estudo. A narrativa do complô, apesar de possuir raízes mitológicas, não se propaga apenas por momentos de crises e medos coletivos, mas abarca um sentido de realidade que só pode ser compreendido se considerarmos sua propagação pelos canais culturais. O neologismo criado no ano de 2016 de pós-verdade<sup>4</sup> é uma evidência de que narrativas similares são utilizadas no espaço político e em outras esferas do convívio social e acabam potencializando um poder de retórica maior do que um fato objetivo. Além disso, sua influência cultural já está arraigada na compreensão simplista de crises e no quadro de paranoia em constar como pode ser relevante qualquer informação que dê base a seus argumentos, mesmo que tal informação independa de verdade para trazer o convencimento.

Este fenômeno de convencimento se tornou um evento recorrente, por ter como base uma narrativa estruturada que possui elementos de verdade em um enredo objetivo e flexível que vêm se readaptando em diferentes cenários com o tempo. Seria presunção apontar suas origens ou sua amplitude, mas com o auxílio da historiografia foi possível avançar pelo passado em busca de algumas pistas.

### 2.3 CULTURA DO MITO DA CONSPIRAÇÃO

O valioso exercício antropológico de distanciamento do objeto é um método de análise muito útil, pois, por estarmos tão próximos da ação desta narrativa mitológica encontramos certa dificuldade de identificá-la no nosso presente. O uso de Girardet (1987) do trabalho de pesquisa de Cohn (1969) tornou-se um bom início de caminho para compreender a ação do mito que reside na narrativa conspiratória. O trabalho de Cohn (1969) tem como título: “*A Conspiração Mundial dos Judeus - Mito ou Realidade?*”. O livro, publicado em 1969, trazia a preocupação de revelar a verdade a seus leitores utilizando-se de método crítico em confronto com as fontes; seu foco estava em expor o quanto narrativas, ferramentas tão necessárias para o historiador, poderiam mover a sociedade.

É, no entanto, grande erro pensar que os únicos escritores que importam sejam aqueles que as pessoas cultas, em seus momentos mais sensatos, possam levar a sério. Existe um mundo subterrâneo onde fantasias patológicas são agitadas [...]. Ocasionalmente há em que esse submundo emerge das profundezas e [...] fascina, conquista e domina multidões de pessoas geralmente sensatas e idôneas [...]. E, vez ou outra, acontece que esse submundo se torna força política e modifica o curso da história. É fato incontestável que os esquecidos excêntricos, descritos na primeira metade deste

---

<sup>4</sup> Um substantivo que se relaciona ou denota circunstância nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais. Tal definição foi usada pela primeira vez em 1992 pelo dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich e eleito pela Oxford Dictionaries o termo do ano de 2016 utilizados pelos britânicos.

livro, criaram o mito que, anos depois, os senhores de uma grande nação empregariam como ordem de genocídio. (COHN, 1969, p.19)

A preocupação de Cohn (1969), como historiador, encontra eco nas palavras do historiador britânico Roberts (2012), autor de "*A Mitologia das Sociedades Secretas*", que diz:

Uma razão pela qual os historiadores tenderam a negligenciar as sociedades secretas é, paradoxalmente, a própria força da mitologia que cresceu sobre elas. [...] Ao buscar uma explicação para as grandes mudanças na sociedade europeia, muitas pessoas aceitaram que as sociedades secretas estavam por trás dessas mudanças, porque era coerente com as opiniões difundidas sobre as origens e os nascedouros das transformações históricas. (ROBERTS, 2012, p.21)

Ambos os historiadores, cada um ao seu tempo, compartilham da preocupação da fragilidade com que a racionalidade da sociedade era direcionada a ponto de promover força política a boatos e estórias. O caso dos "*Protocolos*" talvez seja um dos mais agudos já cobertos pela historiografia, mas provavelmente não o último. Apesar de ser tema central utilizado no argumento de Girardet (1987) para compreender o seu impacto, é necessário considerar a pesquisa de Roberts (2012), pois o complô dos judeus e a possibilidade de sua veracidade dialogam com a pesquisa sobre "*sociedades secretas*". Diferente do que o grande público imagina, grupos como Maçons, Iluminatis e Templários existiram (alguns ainda existem) e foram atuantes de forma real, antes de povoarem os vídeos no Youtube.

Roberts (2012) apresenta um trabalho de pesquisa detalhado sobre o mito das narrativas conspiratórias que atuam na temática política da teoria dos fantoches, considera que sua origem está enraizada ou intrinsecamente envolvida com a mitologia das sociedades secretas. Seu estudo se torna importante, por permitir-nos observar a formação da mentalidade do leitor europeu, ao reagir à construção de narrativas capazes de traduzir a realidade das relações humanas e os eventos complexos de impacto social de forma simplificada. Apesar de Roberts (2012) utilizar o período do século XVIII como base, suas conclusões dialogam com a estrutura lógica da narrativa dos "*Protocolos dos sábios de Sião*" apresentado por Cohn (1969).

Roberts (2012) inicia seu livro a partir da criação da maçonaria em terras inglesas, mais especificamente do que conceitua como maçonaria *especulativa*, por se tratar de uma organização que se derivou da maçonaria *operativa* que havia se originado na Idade Média, no processo de organização de classes de pedreiros que se organizavam em lojas. Esta maçonaria *especulativa* se organizou a partir de 1717 em uma grande loja e adquiriu influência sobre as lojas locais em um processo de expansão. A maçonaria conquistou cada vez mais adeptos organizando-se sobre uma constituição própria que versava entre outros

valores a tolerância religiosa (ponto que foi influenciado pelo momento histórico da Inglaterra no período, segundo o autor). Roberts (2012) presume pelo menos quatro fatores que contribuíram para isso: o simples desejo de sociabilidade, ou seja, de usufruir de um espaço relaxante fora dos padrões formais da sociedade onde se poderia conversar, fumar, banquetear, desfrutando do prazer racional sem a presença das mulheres, como se fosse um clube entre outros; experimentar o ambiente tolerante e de livre pensar, respaldado pela constituição da organização, que removia as possibilidades desagradáveis de atritos religiosos ou políticos, mas que valorizavam o conhecimento e as discussões racionais; exercitar o sentimento de caridade despertado pelas ações de ajuda mútua e, por fim, o apelo do oculto, isto é, o prazer de estar por dentro participando das reuniões e dos ritos que forneciam meio satisfatório para suprir algumas necessidades emocionais e, aparentemente, este sigilo potencializava a experiência.

Participar de uma sociedade secreta com estas características alimentava o desejo das pessoas em viver uma experiência de caráter privado, fora dos ambientes formais e intolerantes de natureza social e coletiva, como na família e na igreja. A estrutura interna era formada basicamente por 3 graus de membros: *aprendiz, companheiro e mestre*, mas, após a expansão da maçonaria no continente europeu e a criação de variações da *arte*, outros graus foram criados e outras constituições elaboradas. Uma das possibilidades que poderia explicar esta difusão é a forma como a constituição da maçonaria insular foi escrita; sua linguagem foi:

[...] assertiva e extravagante; ela poderia ser lida de modo a prometer mais do que entregava e encorajava tanto as suspeitas entre os profanos quanto o otimismo exagerado sobre futuras revelações entre os iniciados crédulos [...]. A linha que separava os maçons dos que buscavam conhecimento esotérico revelado apenas a poucos logo ficou esfumada de modo irremediável. Por fim, [...] também favoreceu a elaboração de sistemas de graus mais altos, de cuja existência se suspeitava, talvez antes mesmo de eles serem planejados. (ROBERTS, 2012, pgs. 76-77)

Com a criação de mais graus criou-se uma diferenciação natural; a maçonaria inglesa ficou conhecida como a ortodoxa ou azul e sua variação francesa, por exemplo, como vermelha ou como ficaram conhecidas as maçonarias continentais: *escocesa*, que possuíam 30 graus além da ortodoxa.

O fenômeno todo é tão rico e confuso que não existe explicação específica ou racional para ser buscada em seu interior; ele foi, pelo contrário, a reação a uma grande variedade de estímulos culturais e ideológicos, e manifestou-se de muitos modos, em lugares e momentos diferentes. (ROBERTS, 2012, p.112)

A proliferação de várias correntes maçônicas gerou um debate sobre reconhecimento de autoridade entre a grande loja que representava a corrente ortodoxa e o grande oriente que

centralizava e esforçava-se a organizar as novas correntes, este debate promoveu grande panfletagem de lado a lado que acabou revelando segredos do rito, tornando-se disponíveis para os produtores de mito.

Apesar de grande adesão às maçonarias, é importante ressaltar, segundo Roberts (2012), que havia uma tácita seleção, mesmo que esta não figurasse em sua constituição. Desta forma, entre os membros filiados na ordem do século XVIII, não são encontrados servos, pelo contrário, apenas pessoas independentes financeiramente e qualificadas socialmente, isto é, figuravam pintores, professores, camiseiros, comissionados em finanças, comerciantes, pequenos empresários, clérigos e nobres. Tal perfil de associação acabou acarretando em uma segregação social nas lojas e conseqüentemente nos graus, tornando os 30 graus acima uma diferenciação hierárquica e social de elite.

Ainda sobre a liberdade de interpretação que a constituição ortodoxa deu margem, resta apenas mencionar que como consequência da mesma, criou-se ramificações que buscavam conhecimentos teosóficos e racionalistas, cada segmento buscando uma ancestralidade diferente da outra para criar um sentido narrativo, seja através dos templários, seja através do Egito antigo ou através da lenda de Hiram<sup>5</sup> inspirado em narrativa bíblica.

Roberts (2012) constrói o contexto da criação e expansão da maçonaria como a organização representante da sociedade secreta da qual se origina o mito conspiratório, pois, muito de sua estrutura é copiada e distorcida. As características destacadas até aqui, foram muito questionadas por movimentos antimaçônicos que apresentavam argumentos precursores da cisma que acompanhou a ordem até gerarem as teorias conspiratórias.

O segredo que acompanhava a maçonaria foi o primeiro alvo destes questionamentos. Alegava-se:

Pois essa seita demoníaca é dos que se encontram em segredo e juram contra tudo, menos contra seus seguidores. Eles são o Anticristo, que veio para lidera-los para longe do temor a Deus. Por que motivo os maçons se encontrariam em lugares secretos e, com sinais secretos, cuidariam que ninguém os observasse fazendo o trabalho de Deus; esses não são os modos do reino do Demônio? (ROBERTS, 2012, p. 74)

O fato de ser proibida a presença de mulheres nas reuniões levantou hipóteses de que se praticavam sodomias e orgias. Tais questionamentos se iniciaram tomando argumentos morais e religiosos, mas não pararam por aí, após o crescimento da maçonaria escocesa e a

<sup>5</sup> Baseado no artifício enviado pelo rei do Líbano de mesmo nome para auxiliar ao rei Salomão na construção do templo de Israel, conforme a lenda o artifício se negou a revelar os segredos de construção do templo pagando com a própria vida pela atitude.

mudança estrutural da ordem em vários graus, questionou-se que seus adeptos ligados pela lealdade e segredo desconheciam seu objetivo real de existência sendo estes conhecidos por apenas um seletivo grupo nos graus mais elevados, de acordo com (ROBERTS, 2012, p. 113) “esse foi o modelo de conspiração que mais tarde as pessoas começaram a ver nas sociedades secretas.”.

No entanto, a respeitabilidade do perfil dos membros já mencionados sustentou durante um tempo uma imagem digna contra críticas antimaçônicas, até que ocorreu o episódio Illuminati.

Weishaupt<sup>6</sup>, em 1779, iniciou seu projeto de ordem, tratava-se dos Illuminatis da Baviera, sua organização consistia em 4 graus: o iniciado que deveria estudar os segredos da doutrina, romper laços familiares e de amizades e após sofrer rigoroso escrutínio qualificar-se-ia a conhecer mais dois níveis *Minervale* e *Minervale Illuminato*, mas ficaria reservado o último grau ao Weishaupt e dirigentes de toda a ordem: o grau Aerópago. Neste seletivo grupo, estariam os conhecedores da verdadeira identidade dos fundadores, da história da ordem e de seus objetivos secretos:

[...] a educação revolucionária dos membros da ordem para a transformação da sociedade existente. Os meios a ser adotados eram a infiltração de membros em posições de autoridade e influência, pois, de acordo com sua linguagem revolucionária floreada, Weishaupt aspirava a conseguir transformar as atitudes públicas e morais por meios pacíficos. (ROBERTS, 2012, p.138)

O contexto de Weishaupt é o de uma Alemanha onde o clero exercitava o controle sobre a educação e vida social. As ideias de Rosseau sobre republicanismo e direitos naturais estavam sendo discutidos na sociedade e a guerra da independência americana estimulou ainda mais este clima. No entanto, apesar de todo cenário favorável, o caráter praticamente teórico da ordem e os poucos avanços práticos tendiam ao seu fim, até que Weishaupt para dar uma sobrevida à organização resolveu se infiltrar na maçonaria. A loja ao qual se admitiu foi a estrita observância e o uso da estrutura maçônica lhe foi útil para, no recrutamento, filtrar os desinteressados mantendo-os na maçonaria e os capazes, compartilhando os segredos Illuminatis, além disso, o caráter internacional da estrutura maçônica lhe permitiu divulgar propaganda anticlerical entre as fronteiras e ampliar o recrutamento utilizando também o rito do segredo para dificultar a detecção.

---

<sup>6</sup> Adam Weishaupt, professor de Direito Canônico na Universidade de Ingolstadt em 1772. Se tornou o fundador da ordem dos Illuminatis da Baviera. É citado no livro de J.M.Roberts no capítulo 5.

“A Illuminati foi a primeira sociedade a tentar usar a máquina da organização secreta oferecida pela maçonaria para subversão política e, por meio dela, eles começavam a se espalhar de novo.”( ROBERTS, 2012, p.140)

Sua estrutura aumentou e evoluiu na adoção da estrutura da maçonaria escocesa, no entanto, no interior do grupo dos Aerópagos houve uma cisão ideológica, alguns de seus membros idealizaram cerimoniais quase religiosos baseados em modelo católico romano, o qual Weishaupt desde o início combateu a influência. O resultado foi a expulsão de seus representantes da ordem, no mesmo período, meados de 1784, alguns dos que eram da ordem denunciaram em público membros de graus superiores de articularem movimentos subversivos, “também já haviam sido levantadas suspeitas de os Illuminati terem conexões com uma conspiração austríaca para arruinar a Baviera, para tornar possível a anexação” (ROBERTS, 2012, p.143). O resultado da afluência destes vazamentos foi a proibição das reuniões por parte do Estado. Em 1786, após uma batida em uma das lojas, foram encontrados centenas de documentos comprometedores a respeito da admissão, composição de venenos e estratégias de influência social. Após tais revelações foram publicadas uma série de desculpas e justificativas por parte dos membros, mas o estrago já estava feito. Estes eventos aconteceram alguns poucos anos antes da Revolução Francesa. Roberts (2012) aponta que tais circunstâncias colaboraram para a criação de várias narrativas conspiratórias o qual colocavam a maçonaria e os Illuminati como orquestradores e incitadores da população para o desenrolar da revolução. No entanto, apesar de muitos maçons terem participado não há comprovação de que o fizeram através da ordem.

Não se pode esquecer que a dinâmica dos processos sociais e políticos que transcorreram durante o período revolucionário possuiu um ritmo acelerado muito diferente do normal. Acompanhá-los e compreender sua complexidade era praticamente impossível. No entanto, através das teorias conspiratórias, reforçadas pelas provas do caso dos Illuminatis, e sua capacidade de simplificar a trama dos eventos, acabou convencendo a muitos. Como a Revolução Francesa, por entre seus desdobramentos, evoluiu para um regicídio não faltaram narrativas atribuindo à manipulação de populares, por grupos ocultos. Dentre estas narrativas, a que se destaca é a de que tal projeto se iniciou pelos templários e permaneceu na criação da maçonaria ortodoxa e se expandiu para a escocesa e para os Illuminatis, ou seja, um projeto de longa duração. Roberts (2012) menciona vários autores pós-revolução que publicaram artigos e panfletos emitindo tal opinião, para explicar acontecimentos de crises e guerras,

dentre eles destaca-se o abade Barruel<sup>7</sup> como quem conseguiu “soldar” a maioria das narrativas com este sentido, através de um estilo que unia fatos concretos com cismas e suposições que, por simplificar os acontecimentos, ganhavam bastante entrada entre seu público leitor. Tal público consumiu este tipo de literatura e a consolidou ao longo do século XIX com o objetivo de obter uma explicação sobre as constantes crises que aconteciam na Europa.

Também existia outra nova fonte significativa de informação, a grande quantidade de publicações com o objetivo de satisfazer comercialmente a demanda por explicação dos tumultos na Europa. Muita da informação tomou a forma de literatura de revelação, comparável à produzida depois da descoberta da Illuminati e durante a Revolução Francesa. (ROBERTS, 2012, P. 358)

O estudo de Roberts (2012) nos permite encontrar no livro de Cohn (1969) o cenário pelo qual os "*Protocolos*" foram desenvolvidos, isto é, os "*Protocolos*" fazem parte de uma “tradição” de se obter uma explicação razoável e simples do contexto político tendo como raiz episódios históricos e comprováveis concatenado com medos, preconceitos, messianismos e histerias.

Cohn (1969) aborda o estudo dos "*Protocolos*" de forma detalhista e investigativa, envolvendo todos os responsáveis possíveis com fundamentação em fontes como: livros, cartas, registros oficiais entre outros. Trata-se de uma análise de cada personagem e da evolução que a narrativa foi tomando ao longo do século XIX até chegar ao século XX. Tais narrativas influenciaram seus leitores em episódios como a Revolução Russa, pós-Primeira Guerra Mundial e durante o nazismo. Depreende-se da investigação de Cohn (1969) uma dicotomia entre uma visão de mundo progressista e internacional, representado pela forma de participação social dos judeus em diferentes sociedades europeias, e uma visão conservadora. Em certa passagem de seu livro, Cohn (1969) descreve um dos devotos dos "*Protocolos*" com as seguintes características: repúdio à civilização moderna, antirracionalista, rejeição à ciência, progresso tecnológico, democracia e, mesmo, a aplicação da razão às questões religiosas e filosóficas<sup>8</sup>.

Tais sentimentos e atitudes seriam frutos da credulidade das narrativas conspiratórias de Barruel que sofreram adendo em 1806 após ter recebido carta de J.B. Simioni<sup>9</sup>, onde este apontava a existência dos judeus em muitos cargos de confiança pela Europa. Em 1844, no

---

<sup>7</sup> Augustin Barruel foi um padre jesuíta jornalista e polemista católico fundamentalista francês. É mencionado no livro de J.M.Roberts no capítulo 6.

<sup>8</sup> (Cohn 1969, 90)

<sup>9</sup> Supostamente um oficial do exército italiano que correspondia com o abade Barruel.

capítulo XV do livro III do romance intitulado *Coningsby*, do autor Disraeli<sup>10</sup>, há uma passagem em que um personagem, ao tentar levantar empréstimo para o governo em nações vizinhas, se encontra com os representantes das finanças e sempre os identifica como judeus.

“E êle termina a história com este comentário: Vê você então, meu caro Coningsby, que o mundo é governado por personagens muito diferentes das imaginadas pelos que não estão nos bastidores”. (COHN, 1969, p.35)

Este tipo de ideia sendo divulgada por meio de um romance ficcional, mas por um autor com vivência política e que posteriormente propagaria ideias semelhantes ao se tornar primeiro-ministro do Reino Unido, revestiu de autenticidade a narrativa conspiratória. Cohn (1969) aponta ainda outro exemplo: na Alemanha, Hermann Goedsche, ex-funcionário do serviço postal da Prússia, reagindo aos eventos revolucionários em 1848, escreveu uma série de cartas, documentos, artigos para jornais e romance de conteúdo antissemita, neste último utilizando o pseudônimo de Sir John Retcliffe, escreveu um capítulo no romance Biarritz cujo título era *No Cemitério Judaico de Praga* que descrevia uma reunião dos líderes judaicos das doze tribos de Israel que se organizavam para tomar o controle mundial através do uso de suas influências. Mais tarde, a divulgação da narrativa foi conquistando notoriedade através de panfletagem e ficou conhecida como a oração do Rabino que fazia parte do acervo de um diplomata britânico.

“Goedsche, conforme sabemos, havia escrito seu romance sob o pseudônimo de Sir John Retcliffe; não haveria, portanto, inconveniência em ter o diplomata inglês o mesmo nome ou, antes, descuidadamente, o de Sir John Readclif”. (COHN, 1969, p.40)

O resultado da associação destas narrativas foi a ampliação da crença na conspiração maçônica judaica, pois, desde a Revolução Francesa e até mesmo na independência americana a ideia de igualdade entre os homens beneficiava os judeus e o caráter internacional da estrutura maçônica, comparada à mesma característica dos judeus, se tornaram argumentos suficientes para muitas pessoas acreditarem que todos os eventos onde se suspeitavam das subversões da maçonaria teriam sido orquestrados por judeus que seguiam seus planos pacientemente desenhados por gerações e gerações, coincidentemente registrados pelo Sr. Readclif e por um lampejo de honestidade vazado na Europa, para o conhecimento de quem fosse interessado.

---

<sup>10</sup> Primeiro ministro do Reino Unido em 1870, livro citado por (ROBERTS, 2012)



Cohn (1969) continua sua investigação sobre os desdobramentos da evolução destas narrativas, passando por pogroms<sup>11</sup> e pelo genocídio durante o nazismo, assim como as contestações e julgamentos sobre a veracidade dos "*Protocolos*", mas não é necessário aprofundarmos mais, pois até aqui conseguimos extrair elementos relevantes para considerar o quanto a narrativa impacta na sociedade.

As pesquisas de Roberts (2012) e Cohn (1969) favorecem nossa análise para observarmos as ações tomadas diante do crédito dado a estes tipos de narrativas e de pintar um cenário de mentalidade social, colorido por desconfianças, baseado em fatos que se interconectam por argumentos convincentes entre o real e o inventado.

Neste ponto, é possível observar que há uma tendência nos argumentos de Girardet (1987) em apontar características sociais de mentalidade do período, em associar à religião o caminho para o terreno fértil da ideia do complô e que, por mais que os discursos assumam simbolismos religiosos, eles indicam tentativas de se adquirir uma compreensão do encadeamento dos eventos na circunstância de crise, ou seja, uma ação naturalmente de ordem política. No entanto, em seu argumento a respeito da receptividade da narrativa mitológica ser necessário uma correspondência a um certo código já inscrito é possível observarmos a potencialidade de outro efeito, este, mais subjetivo. Em outras palavras, a chave de entendimento apontada por Girardet (1987) através da sociologia de que a crença no complô é fruto de um medo coletivo, o qual se busca condenar o novo, e, demonizar seu representante não é necessariamente a única. Assim como demonstrado, por Cohn (1969) e Roberts (2012), as narrativas construídas alimentaram tais mentalidades. Isto é, a dicotomia conservador x progressista pode ter sido influenciada pelas opiniões de personalidades relevantes como Disraeli e Barruel, ampliadas por construções narrativas aliadas à força de sua divulgação em materiais literários populares como panfletos, artigos de jornais e livros romanescos, com alta capacidade de convencimento. Estes materiais literários sofreram metamorfose ao longo dos séculos XIX e XX. Seus leitores, como sinalizou Roberts (2012), demandaram comercialmente explicações e entretenimentos, e evoluíram seus hábitos de leituras para se adaptar à nova realidade esboçada pela literatura. Ou seja, se considerarmos as narrativas e sua divulgação, a interação mental destas com a bagagem cultural de cada leitor, é possível constatar que a experiência adquirida no ato de ler se fez determinante em todos estes episódios.

---

<sup>11</sup> É uma palavra russa que significa causar estragos, destruir violentamente. Historicamente, o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus, tanto no império russo como em outros países.

De certo, podemos inferir que em uma narrativa com teor conspiratório estejam presentes um ou mais elementos ficcionais, os quais poderão sugerir ao leitor, de acordo com suas referências de conhecimento, uma simulação de enredo que irá dialogar com sua percepção de realidade. Para Girardet (1987) mencionar o medo coletivo como um canal válido, na verdade exemplifica que a referência da manutenção do mundo, da mesma forma que já era conhecido, era mais determinante naquele período, situação que não se mantém nos dias atuais, onde uma cultura mais globalizante tende a apontar o canal cultural como o mais fértil.

Desta forma, é interessante analisar como os elementos da narrativa ficcional podem interagir com o leitor. Suas características podem apontar pistas de como se processa o verossímil das narrativas conspiratórias.

### 3 A REAÇÃO DO LEITOR

[...] Ao contrário de ficções literárias como o romance, as obras históricas são feitas de acontecimentos que existem fora da consciência do escritor. Os acontecimentos relatados num romance podem ser inventados de um modo que não podem ser (ou não devem ser) inventados numa história. Isso dificulta a distinção entre a crônica de eventos e a estória contada numa ficção literária. [...] Diversamente do romancista, o historiador defronta com um verdadeiro caos de acontecimentos já constituídos, dos quais há de escolher os elementos da estória que vai contar. Realiza sua estória mediante a inclusão de alguns acontecimentos e a exclusão de outros, realçando alguns e subordinando outros. Esse processo de exclusão, realce e subordinação é levado a cabo no interesse de constituir uma estória de tipo peculiar. (WHITE, 1992, pp. 21-22, grifo do autor)

White (1992), em uma nota de rodapé, diferenciou a forma de trabalho do historiador e de um romancista pela perspectiva do historiador e do autor, no entanto a perspectiva do leitor e as técnicas utilizadas na composição dos textos são fatores determinantes que sofreram mudança não apenas na historiografia, mas também na literatura. O Romance surgiu e foi ganhando espaço como gênero ao longo do século XVIII, sendo apresentado de várias formas e estilos;

Seja desenterrando estruturas profundas ou demolindo sistemas de sinais, os críticos têm cada vez mais tratado a literatura como uma atividade do que como um corpo estabelecido de textos. Insistem em que o significado de um livro não está determinado em suas páginas; é construído por seus leitores. Assim sendo, a reação do leitor torna-se o ponto chave em torno do qual gira a análise literária. (DARTON, 1992, p.231)

Para facilitar o entendimento de como se processa esta experiência para o leitor, cabe-nos considerar algumas técnicas textuais utilizadas em narrativas ficcionais, os quais são tema de estudos de vários críticos da área de literatura. Dentre tantas, a apresentação do discurso, do plurilinguismo, da suspensão da incredulidade, da verossimilhança com o real e classificação de personagens entre planos e redondos são alguns destes expedientes literários, utilizados por gêneros como o romance, que são capazes, através da ficção, de utilizar a narrativa para incentivar um processo de convencimento no leitor. Vejamos cada um a seguir.

#### 3.1 O Discurso

Diferentes textos podem trabalhar com o mesmo tipo de informação e, considerando sua estratégia de expor, apresentar diferentes resultados de reação do leitor. Eco (1994) propõe um exemplo desta capacidade da narrativa que é muito didática:

Outro exemplo de forma simples pode ser este limerick de Edward Lear:

‘Havia outrora um velho peruano

Que ficava olhando sua mulher cozinhar

Mas uma vez por engano

Num forno ela pôs para assar

Aquele desventurado peruano.’

Vamos tentar contar a mesma história como se fosse uma notícia publicada no New York Times; ‘Lima, 17 de março. Ontem Álvaro González Barreto (41 anos, dois filhos, contador do Banco Industrial do Peru) foi, por engano, cozido numa torta de carne e batata por sua esposa, Lolita Sánchez de Medinaceli’ [...]

Em certo sentido, é o discurso, não a história, que permite ao leitor-modelo saber se deve se comover com o destino do peruano. (ECO, 1994, pp. 40-41)

Neste exemplo, a diferença no discurso é que irá motivar a reação do leitor modelo<sup>12</sup>. O discurso se apresenta como a estrutura com o qual a informação será apresentada. O enredo dos versos se apresenta com pequenas rimas sem muitos detalhes e sugerem um contexto ficcional, mas a informação principal é que o peruano foi assado por engano, esta mesma informação está presente no artigo inventado, no entanto sua estrutura denota uma informação trágica.

Consideremos as três figuras que foram apresentadas no início deste trabalho. As informações sobre manifestações estavam sendo noticiadas diariamente no contexto político, mas ao analisarmos as figuras conseguimos compreender de forma resumida algumas das críticas e comentários que a população discutia.

**Figura 1:** Suposição de relação entre os interesses de um partido e do país, sendo o primeiro uma organização centralizada com objetivos alheios ao do interesse do segundo, o qual se apresenta como uma organização ampla, abrangente com interesses difusos. Pela comparação com o partido nazista depreende-se que este tipo de organização pretende um sistema de governo totalitário e um dos primeiros indícios desta narrativa se apresenta na substituição das cores dos símbolos nacionais pelas cores partidárias;

**Figura 2:** Esquema que informa as causas do Impeachment sofrido pela presidente. Por se tratar de oposição, o esquema propõe a narrativa de que a principal causa foi o enfrentamento a um sistema/organização complexo de corrupção que detém grandes poderes de influência social/capital que possuía planos ocultos que foram pouco a pouco revelados gerando a necessidade de retirar a presidente do cargo;

**Figura 3:** Tenta demonstrar que parte da sociedade é alienada e inocente por confiar na intervenção militar como solução simples para resolver os problemas da nação (complexos). Há ainda a representação da limitação do direito da liberdade de expressão através da censura de policiais ao manifesto favorável à intervenção.

<sup>12</sup>isto é, o leitor que consegue compreender a proposta do autor da narrativa

Todas as figuras trabalham com estruturas de discurso iconográfico que depende do conhecimento prévio do leitor modelo com as referências que estão sendo apresentadas. A ideia de organização ou interesses ocultos e da especulação sempre negativa do que pode acontecer estão presentes nas três narrativas, porém são tratadas de forma leve, sarcástica e humorística. Estes elementos, já vimos anteriormente, compõem o ambiente adequado para o leitor modelo de teorias conspiratórias, pois mesclam informações reais com um enredo fictício.

### 3.2 O PLURILINGUISMO ROMANESCO

Apesar de ser conceitualmente complexo, o plurilinguismo, é possível, dentre outras formas, ser entendido como uma forma de estilo que se promove através de uma nova linguagem, como por exemplo, apresentar em prosa uma estória que sempre foi escrita em verso, e ainda:

O plurilinguismo sempre teve o seu lugar [...], mas ele não foi um fator de criação, uma escolha funcional da arte literária, não foi o centro criador do processo linguístico-literário. O grego clássico era sensível às 'falas', às épocas da linguagem, aos múltiplos dialetos literários gregos [...], mas a consciência criadora realizava-se nas línguas puras e fechadas sobre si próprias.(BAKHTIN, 2014)

Ou seja, textos ficcionais como o romance possuem em sua natureza um estilo plurilinguista por ser opção dos romancistas darem acessibilidade através das narrativas a outras *falas*, sejam elas nacionais ou não, da capital ou do interior, conforme a linguagem de sua época, a qual remete a uma outra consideração de Bakhtin (2014) a diferenciação do romance com os estilos antigos, tal como épico, que possuía uma temática nacional (por isso limitada) e a construção de heróis e enredos de um passado distante de um mundo inacessível que não dialoga com o presente. Tomamos esta análise de Bakhtin (2014), pois muito das ferramentas ficcionais que se apresentam nas teorias conspiratórias estão presentes no romance, por exemplo.

Os *memes* apresentados representam uma forma de estilo mais atual para ressoar uma narrativa que já está no conteúdo de referência do leitor. "*Os Protocolos dos sábios de Sião*", "*o discurso do rabi*" entre outras literaturas do gênero foram produzidos com linguagem contemporânea a seus leitores, se utilizando de referências culturais e temporais dando uma sensação de presente contínuo, diferente das obras clássicas, que possuíam seu tempo à parte do mundo.

### 3.3 SUSPENSÃO DA INCREDULIDADE

Seguindo uma análise do desenvolvimento narrativo dos romances, Gallagher (2009) expõe uma faceta, ou característica, do romance em trabalhar na persuasão ao leitor no conceito de veracidade, apresentando-nos à ficção. Ora, nos romances do século XVIII as narrativas possuíam uma espécie de compromisso em ser mentirosas, era esta a chave da leitura para se considerar o teor do texto escrito como ficção.

A única marca confiável da ficção narrativa era igualmente a pura e simples ausência de credibilidade, enquanto a verossimilhança equivalia a uma profissão de veracidade. Se não continham animais falantes, tapetes voadores ou personagens humanas muito diferentes do normal, as narrações pareciam referenciais e, portanto, incorriam com facilidade na acusação de fraude ou difamação [...] (GALLAGHER, 2009,p. 632)

No entanto, à medida que as ficções eram produzidas com enredos diretos e personagens até certo ponto previsíveis a capacidade de raciocínio do leitor se tornava superior diante da imaturidade das personagens. As leituras tendiam para especulações das resoluções das tramas, até o ponto em que as ficções absorveram novas técnicas de contato com a realidade, dentre tantas: a utilização do nome nas personagens e a apresentação de enredos verossímeis, equiparando-se à arte poética, preenchendo os fatos literários com o mimetismo da realidade.

“[...] a diferença entre ficções e mentiras tornara-se menos óbvia, e a ausência de credibilidade não era mais o único critério distintivo, fez-se necessária uma verdadeira conceituação.” (GALLAGHER, 2009, p.633)

A necessidade de diferenciação se apresentou devido à prática de panfletar histórias de escândalos de personagens extra literários, ou seja, que existiam na realidade ou com características facilmente perceptíveis. Assim a ficção buscou a invenção de personagens inexistentes, mas que funcionassem como espécie de pessoas capazes de dialogar com a realidade de vários leitores, mas baseadas em nenhuma ao mesmo tempo.

“Os novos escritores distinguiram-se dos panfletários porque insistiam no fato de que o referente do texto não deveria ser um indivíduo extra textual determinado, mas uma generalização, uma espécie.” (GALLAGHER, 2009, p. 636)

Esta diferenciação se tornou importante ao educar o leitor de romance a uma nova percepção da ficção, mais próxima da realidade por verossimilhança, identificando-se com espécies de personagem e percebendo que apesar desta nova perspectiva tudo ainda era

considerado irreal. É a partir desta análise que Gallagher (2009) apresenta a experiência do leitor com o romance de ficção.

“A confiança na realidade da história era, assim, substituída pela credulidade irônica [...] o leitor é dissuadido de crer na verdade literal de uma representação, admira-lhe a verossimilhança, simulando crer o suficiente para entrar no jogo narrativo”. (GALLAGHER, 2009, p.641).

Esta credulidade irônica é uma espécie de contrato que se estabelece entre o leitor e o autor, onde o leitor se permite levar pela estória, ou seja, o leitor mesmo sabendo que se trata de uma mentira decide embarcar nas possibilidades que se desdobram a cada virada de página.

Assim, se tivéssemos que definir ou conceituar: ficção seria a vontade de se permitir conduzir por uma história ou hipótese, através da suspensão da incredulidade:

“O fato de entrar voluntariamente no jogo lingüístico da ficção, como diriam hoje alguns teóricos, insere-o numa condição psicológica de indiferença temporária pela natureza fictícia da sensação prazerosa que esteja provando.” (GALLAGHER, 2009)

Este exercício de análise para ser notado tem que ser observado como um movimento em câmera lenta, pois a força da suspensão da incredulidade interage com a verossimilhança com o real, que veremos a seguir, de forma quase automática durante a leitura, no entanto, é importante notar que a suspensão da incredulidade trabalha com a linguagem e expressões que dão suporte para o leitor imaginar ou conjecturar as informações que estão sendo apresentadas pelo autor.

Uma história que se inicia com “Era uma vez” tem por parâmetro induzir o leitor ao campo imaginativo da fábula, no entanto, se o enredo seguir em tom satírico apresentando uma realidade próxima ao leitor, a fábula pode se tornar uma denúncia velada na interpretação da leitura.

Eco (1994) distingue o leitor em pelo menos duas entidades, o leitor modelo e o leitor empírico. Enquanto o leitor empírico estuda o texto e seus argumentos o leitor modelo se permite guiar pelo texto. Considerando que as narrativas conspiratórias, através de seus argumentos e pela forma de discurso que alcançaram seus leitores, tentavam reproduzir um ambiente de denúncia é possível inferir que alcançou uma grande gama de leitores modelos que suspenderam a incredulidade apesar de vários sinais de elementos ficcionais.

### 3.4 VEROSSIMILHANÇA COM O REAL OU REALISMO FORMAL

A flexibilidade do texto ficcional em dialogar com temas de sua contemporaneidade permite contatos com experiências e conhecimentos de grande espectro do saber, Ian Watt em suas pesquisas destacou a construção do personagem em uma realidade próxima ao leitor, verossímil, onde a personagem pode possuir características de virtudes e defeitos para defini-la corroborando com a ideia de experiência individual, bem diferente das construções que eram feitas, onde a personagem simbolizava mais um estereótipo, ou que na busca de um contato com a realidade tinha seus defeitos mais aparentes.

Se este fosse realista [romance] só por ver a vida pelo lado mais feio não passaria de uma espécie de romantismo às avessas; na verdade, porém, certamente procura retratar todo tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida apresentada, e sim na maneira como a apresenta. (WATT, 2010, p.11, grifo nosso)

Segundo Watt (2010) “*O romance é a forma literária que reflete mais plenamente essa orientação individualista e inovadora.*”, não apenas a respeito da personagem, mas também de seu universo. Quanto a isso, a experiência de Eco (1994) retratada no trecho abaixo exemplifica bem:

No capítulo 15 de meu livro *O pêndulo de Foucault*, depois de assistir a uma cerimônia ocultista no Conservatoire des Arts et Métiers de Paris, na noite de 23 para 24 de junho de 1984, a personagem chamada Casaubon caminha como que possuía por toda a extensão da rue Saint-Martin, atravessa a rue aux Ours, passa pelo Beaubourg e chega à igreja de Saint-Merri. E continua andando por várias ruas, todas designadas pelo nome até chegar à plácidas Vosges.[...] Publicado o romance, recebi uma carta de um homem que evidentemente foi ler na Bibliothèque Nationale todos os jornais de 24 de junho de 1984. Ele descobriu que na esquina da rue Réaumur (cujo nome não menciono, mas que cruza a rue Saint-Martin em determinado ponto) ocorreu um incêndio depois da meia-noite, mais ou menos na hora em que Casaubon passou por ali – e um grande incêndio, já que os jornais o noticiaram. O leitor me perguntou como Casaubon não conseguiu ver o fogo.

Resolvi me divertir e respondi que provavelmente Casaubon viu o fogo, mas não o mencionou por alguma razão misteriosa que eu desconhecia – explicação bastante plausível, uma vez que a história está repleta de mistérios verdadeiros e falsos. Acho que meu leitor continua tentando descobrir por que Casaubon guardou silêncio em relação ao incêndio e provavelmente suspeita de mais uma conspiração dos templários. (ECO, 1994, p.82)

A suspensão de incredulidade somada à capacidade de verossimilhança com a realidade apresentadas em textos ficcionais contribuem para um convencimento argumentativo na experiência do leitor, e, dependendo do discurso em que é estruturada a narrativa, resulta em convencimento. Na experiência de Eco (1994), a descrição de um pequeno mapa fictício, mas recheado de similaridades com o mundo real, desde os nomes das ruas até a possibilidade de trajeto, foram elementos determinantes para a pesquisa de seu



leitor, no entanto, no caso de um leitor que não conhecesse a geografia da cidade de Paris e ignorasse que a Paris de Eco (1994) não era real, todo seu texto seria lido com a incredulidade suspensa para que se concluísse a narrativa.

A construção ficcional se utiliza de referências de experiências do leitor para compor um pequeno universo por onde se desenvolve as narrativas e seus personagens. Esta relação entre a percepção da realidade e da ficção é justamente o ponto onde há maior impacto da narrativa conspiratória.

“Mas, se a atividade narrativa está tão intimamente ligada a nossa vida cotidiana, será que não interpretamos a vida como ficção e, ao interpretar a realidade, não lhe acrescentamos elementos ficcionais?” (ECO, 1994, p.137)

### 3.5 PERSONAGENS PLANOS E REDONDOS

Ao analisar os romances densos como os de Jane Austen, Forster (1974) destaca como uma relação de personagens complexa exige certa interdependência para que se dedique às características do enredo, estes personagens tendem a “ganhar vida” e se tornarem rebeldes querendo seguir cada um seu próprio destino; para limitar esta tendência ao enredo os romancistas utilizam alguns expedientes, no entanto, a classificação de seus personagens parece ser mais relevante neste estudo:

Personagens planos e redondos: as personagens planas possuem um efeito tipo caricatura constituídas de uma única ideia e que “pode ser expressa por uma só frase, como: Nunca irei desamparar Mr. Micawber. Essa é Mrs.Micawber – diz que não vai desamparar Mr. Micawber, e age assim.” (FORSTER, 1994)

Em determinados romances devido à força do enredo e da técnica empregada pelos romancistas a trama consegue desenrolar com a utilização de personagens planos, os quais não possuem muita complexidade ou insinuam uma complexidade na sua natureza sem o romancista jamais revelar, para nos exemplificar tais situações Forster (1974) nos lembra dos romances de Dickens e H.G. Wells.

Quanto à personagem redonda, segue a definição do autor:

“O teste para uma personagem redonda está nela ser capaz de surpreender de modo convincente. Se ela nunca surpreende, é plana. Se não convence, é plana pretendendo ser redonda.” (FORSTER, 1974)

Por apresentar, comumente, um ambiente denunciativo a narrativa conspiratória costuma apresentar personagens planos; não expõe suas biografias e algumas nem mesmo o nome, mas é possível para leitor compor suas características e personalidade pela sua linguagem, pelo papel que desenvolve e pelo argumento que apresenta.

#### 4 EXEMPLOS DE NARRATIVAS CONSPIRATÓRIAS E SEUS ELEMENTOS FICCIONAIS

Diante de tantas características da narrativa ficcional que se transformaram para a formação de um gênero literário que foi conquistando popularidade até alcançar a atual contemporaneidade é interessante supor que seu desenvolvimento contribuiu para uma plataforma onde as narrativas conspiratórias pudessem transitar. Ora, "*o discurso*" do rabi do Sr. Readclif teve como origem o capítulo de um Romance, o próprio Sr. Readclif personagem narrador acabou adquirindo biografia tal como uma personagem plana tentando ser redondo, talvez pelo estilo de escrita e seu conteúdo denunciativo o enredo que se apresenta num *discurso* de vazamento de informação privilegiada se desprende da fantasia típica do século XVIII e se aproxima da verossimilhança sugerida por Gallagher (2009) e Eco (1994), seus poucos adjetivos insinuam um estereótipo, mas como vimos na análise de Forster (1974) com um enredo forte que dialoga com a suspensão de incredulidade, e a mistura com fatos distorcidos, acabam se tornando suficientes para formar uma opinião no leitor, pois como Bakhtin (2014) explica o romance dialoga com nosso tempo, diferente dos épicos.

Até aqui, tateamos sobre a análise da narrativa ficcional e observamos que devido às suas características e evolução com o romance alcançou potencial de atuar nas mentalidades. As narrativas conspiratórias, portanto, trata-se de um exemplo de contato entre duas narrativas: a real e fictícia, não é de surpreender que como possível consequência tenha a narrativa mitológica que assim como romance possui extrema capacidade de se adaptar e de se atualizar: conspiração jesuíta, maçom, franco-maçom, franco-maçom-judaica, liberal, comunista, elitista-econômica, alienígena, enfim, assim como os contemporâneos de Sócrates se não estivermos atentos poderemos nos deixar influenciar por sofismas políticos.

Ainda hoje, há exemplares presentes, senão vejamos, há disponível no Brasil uma versão traduzida dos "*Protocolos dos sábios de Sião*", editado pelo imortal Barroso (1991), além deste, o livro de Estulin (2005): "*A verdadeira História do Clube Bildeberg*" e o ainda influenciador Wells (2016) em "*A Conspiração Aberta*", entre outros. Roberts (2012) em seu livro já havia apontado que a mitologia das sociedades secretas e suas explicações simplistas de um poder central, orquestrando os eventos de crise, foram muito utilizadas no debate político polarizado de esquerda x direita. Estes livros, tomando das características de estilo do romance, usam as mesmas estratégias.

## 4.1 OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO

Apesar de estar bem detalhado no livro de Cohn (1969), ter acesso à versão nacional, mesmo que resumida, dos "*Protocolos*" dá uma ideia do impacto que este texto provoca. Segue abaixo um pequeno trecho da versão traduzida:

Em toda a Europa, bem como nos outros continentes, devemos suscitar agitações, discórdias e ódios. O proveito é duplo. Dum lado, manteremos em respeito todos os países, que saberão que poderemos, à nossa vontade, provocar a desordem ou restabelecer a ordem; todos esses países se habituarão a nos considerar como um fardo necessário. Do outro, nossas intrigas embrulharão todos os fios que estenderemos nos gabinetes governamentais por meio da política, dos contratos econômicos e dos compromissos financeiros. Para atingir nosso fim, precisaremos dar prova de grande astúcia no decurso dos entendimentos e negociações; mas, no que se chama linguagem oficial, seguiremos uma tática oposta, parecendo honestos e conciliadores. De tal modo, os povos e os governos gentios, acostumamos a olhar somente a face do que lhe apresentamos, mais uma vez nos tomarão como benfeitores e salvadores da humanidade. A qualquer oposição, deveremos estar em condições de fazer declarar guerra pelos vizinhos da nação que ousar criar-nos embaraço, se esses próprios vizinhos se lembrarem de se aliar contra nós, devemos repeli-los por meio de uma guerra geral. (BARROSO, 1991, p.32 Ata VII)

A construção textual e seu contexto de vazamento<sup>13</sup> contribuíram para o convencimento, colocando a incredulidade do leitor suspensa e ambientando-o à realidade ficcional com um sentido mais convincente. Trata-se de um discurso proferido na terceira pessoa do plural, permitindo uma suposição aberta do número de interlocutores. Abordando preferencialmente temas políticos, econômicos, sociais e morais sugerindo a capacidade de manipulação da população judaica; é necessário o estudo do contexto para tentar aferir sua persuasão, mas em períodos extremamente nacionalistas é possível imaginar o impacto desta narrativa em seus leitores modelos pretendido. Por isso Cohn (1969) relaciona a divulgação deste texto e sua influência na Alemanha nazista.

## 4.2 A CONSPIRAÇÃO ABERTA

De forma mais literária, afinal se trata da obra de um grande expoente do gênero romântico ficcional, "*A Conspiração Aberta*" publicada atualmente (2016) pela editora *Vide Editorial* se torna relevante nesta coleção de narrativas, pois agrega um grau de verossimilhança com a realidade. Isto é, o fato de ter como autor Wells (2016) e seu texto dialogar com a sua posição política soa como um manifesto aberto. A condução do texto por Wells (2016) de forma planejada corrobora com a ideia de um planejamento em longo prazo. Os pontos principais são os mesmos: sugestão de uma organização central, capaz de

---

<sup>13</sup>Discurso (estrutura narrativa) que transmite a ideia de um texto que foi escrito para pessoas específicas, mas que foi amplamente divulgado somado com explicação simplista de um esquema orquestrado.

reorganizar o mundo através da educação, da economia e hábitos sociais como sua abordagem ao tema de controle populacional.

É atribuída na publicação da editora a suspeita de um planejamento de uma nova ordem mundial, desta vez movido por socialistas Fabianos<sup>14</sup>. Dando ao livro de Wells (2016) uma mística, tornando-o referência de quais temas seriam sensíveis na organização mundial e que a velocidade de suas ações seria de forma tempestiva.

#### 4.3 A VERDADEIRA HISTÓRIA DO CLUBE BILDERBERG

Lançado em 2005, na Espanha, pela *Editora Planeta*, este livro de Estulin (2005) tem o objetivo de esclarecer algo que continua marginalizado no conhecimento popular, trata-se de uma conferência anual que ocorre desde os anos 50 com a presença dos principais nomes da indústria, finanças, educação e meios de comunicação, ou seja, a elite mundial. O conteúdo destas reuniões é secreto, mas Estulin (2005) é contundente quanto ao objetivo da organização e dos grupos que são ligados a ela.

De toda maneira, com o advento de um Governo Mundial, um Exército Mundial, uma Religião Universal e Moeda Única, por que quereria a família Rockefeller submeter uma soberania, um poder governamental e uma riqueza americana que já controla em altares de um Governo Mundial? Esse Governo Mundial não ameaçaria seu poder financeiro? Não é essa a possibilidade, portanto, a última coisa que desejariam? A não ser, é óbvio, que os Rockefeller, o Clube Bildeberg e o CFR esperem controlar também o Governo Mundial! (ESTULIN, 2005,p. 61)

Sua narrativa tem como objetivo explicar as movimentações políticas, econômicas e diplomáticas no contexto de uma organização central de poder mundial. Seus argumentos denunciam conglomerados econômicos como a zona do Euro, a organização das nações unidas e o movimento político a favor do desarmamento. Alguns destes argumentos e temas possuem um paralelo com a narrativa conspiratória já observada antes, mas ao invés de maçons encontramos um movimento denunciado como globalismo, de natureza política e socioeconômica.

Quanto a seu estilo é possível encontrar uma profusão de pequenos fatos, que segundo o autor são correlacionados, direcionando o leitor a acreditar em sua razoabilidade:

Que relação real existe entre os fechamentos precipitados das bases militares americanas e canadenses (e reduções das forças armadas) e a Nova Ordem Mundial e esta Nova Polícia Mundial? Por que algumas destas bases americanas, destinadas ao fechamento, estão sendo submetidas agora à caras reformas e

---

<sup>14</sup>Que possuem este nome em referência ao general romano Quintus Fabius Maximus que conseguiu derrotar Aníbal na segunda guerra Púnica, evitando o combate direto.

ampliações? Por que, de repente, o controle armamentístico é uma prioridade política, acelerada e generalizada a nível legislativo?

A resposta está em uma cópia do Volume 9 da edição de 93-94 1982 (não a edição atual substituída) do Código do EE.UU. (o conjunto de leis desse país). Não precisa dizer que, sem os contatos apropriados dentro do mundo da espionagem seria absolutamente impossível decifrar as mudanças e implicações das omissões. Para decifrar esses dados contei com a ajuda de um conhecido de meu avô (ambos foram coronéis da KGB). (ESTULIN, 2005, p.69)

Soma-se a isso a inserção do estilo literário ficcional em conduzir o leitor em narrativas e diálogos típico de um romance:

Você não vai nos vencer. Não é capaz de fazê-lo - sussurrou o segundo tipo. O Clube Bilderberg, senhor Estulin, é um foro privado, no qual participam alguns membros influentes de nossa comunidade empresarial. Também convidamos alguns políticos a que compartilhem conosco suas experiências pessoais e profissionais. Tudo isso fazemos com a esperança de conjuntar as necessidades dos povos do mundo e a política de altos vãos. De nenhuma maneira tentamos influir nos governos, em sua política ou em sua tomada de decisões.

— Não me escangalhe! - respondi bruscamente. Podia sentir como esticavam os músculos do pescoço e da mão - E eu acredito que Kennedy foi assassinado por extraterrestres; que Nixon foi defenestrado por sua avó; e que a crise do petróleo de 1973, foi provocada pela Cinderela! Se não tivesse sido por nós, o Canadá formaria agora parte do Grande País dos Estados Unidos. Diga-me, por que assassinaram ao Aldo Moro?

— Sabe que não lhe podemos dizer nada, senhor Estulin. Não vim aqui para discutir com você.

Em uma mesa redonda perto da janela, dois turistas alemães, um encostado com os olhos chorosos e o primo do barman jogavam cartas muito entretidos. Em uma mesa adjacente, sentava-se um homem maior, míope, calvo e gordo que usava um traje cinza, muito grande para sua envergadura. Levava uns enormes óculos de concha; sua cara corada se achava escondida atrás da sombra da que foi, em outro tempo, uma grossa barba negra. Um bigode cinzento, um tanto descuidado, rematava sua face. Pediu rum, preencheu seu cachimbo e ficou a observar distraído o jogo. (ESTULIN, 2005, p.14)

Em nenhum momento o texto insinua um caráter fictício e as apropriações das características do romance potencializa sua capacidade de convencimento ao mesclar cenas e argumentos narrados com verossimilhança com a realidade gerando suspensão de incredulidade no leitor, com destaque ainda para a construção do personagem narrador ao expor fatos, documentos e descrições de eventos reais e históricos.

Estas análises reforçam a hipótese de que a estrutura narrativa, ou seja, o discurso, e o interesse do público leitor no período influenciam-se mutuamente. A pesquisa de Darton (1992) é outro exemplo da potencialidade da ficção e seu impacto narrativo. Em "*O grande massacre dos gatos*", Darton (1992) separa um capítulo para analisar a relação entre os leitores e Rousseau, suas fontes são cartas emocionadas dirigidas ao iluminista que elabora um romance, mesmo alegando que não é; sua narrativa ficcional envolve seus leitores de tal forma que muitos buscam acreditar que toda a estória se trata de relato real. Estes são pequenos exemplos de como as narrativas que não se autoproclamam ficcional e dialogam

com a realidade são capazes de sugerir e atuar sobre as mentalidades, os quais assim como a sociedade sofreram mudanças, mas durante algum tempo ficou à margem da investigação histórica.

## 5 IDENTIFICANDO UMA NARRATIVA CONSPIRATÓRIA

Apesar de passarmos por vários exemplos de narrativas conspiratórias, não podemos confundi-la com uma narrativa ficcional de entretenimento. A narrativa conspiratória tem como núcleo de seu enredo um mito que interpreta informações do mundo ao redor pela perspectiva do medo, que pode ser traduzido em preconceito e cisma. Como vimos, a interação entre o leitor modelo e a narrativa é um dos fatores determinantes, mas não o único. Por estarmos mergulhados em narrativas ficcionais com os enredos conspiratórios acessíveis por várias mídias e discursos, ao invés de leitor modelo, poderíamos utilizar o termo: consumidor modelo. Este consumidor modelo de uma forma ou de outra tem acesso às narrativas complexas e abrangentes, tais como vimos neste estudo, mas é ambientado primeiramente em um ambiente de boatos, que como já foi dito tende a ser exponencial em período de crises. Estes pequenos boatos recebidos pelo consumidor modelo em tempos diferentes, ou até, sobre motivos diferentes, em algum momento incide para uma narrativa específica dando a falsa sensação de que um boato seria prova de veracidade do outro, ou que a existência de tantas pequenas narrativas indicaria a possibilidade da narrativa mais complexa ser passível de crédito. Todos estes esquemas utilizam técnicas ficcionais para conseguir convencer o consumidor modelo.

O *E-farsa*, um dos vários serviços online de entretenimento que se especializou em detectar boatos, criou um tutorial que auxilia na identificação de uma notícia falsa, como podemos ver no quadro abaixo:



<b>Como reconhecer uma notícia falsa</b>	
1	<i>Cita nomes de pessoas ou de instituições para conseguir mais credibilidade</i>
2	<i>Usa nomes de pessoas inexistentes com cargos de nomes pomposos e/ou de instituições que não existem</i>
3	<i>Não é datada para que o leitor sempre tenha a impressão de que a notícia é recente</i>
4	<i>Pede para se repassada ao maior número de pessoas</i>
5	<i>Possui um texto incoerente e confuso</i>
6	<i>Ausência de fontes</i>
7	<i>Trata de algum assunto que abraia a maior quantidade de leitores</i>
8	<i>Possui um tom conspiratório</i>
9	<i>Usa algumas palavras em letras maiúscula e/ou coloridas para chamar a atenção do leitor</i>
10	<i>Mistura fatos reais com ficção</i>

Fonte: <http://www.e-farsas.com/hoax-o-que-e-parte-1-caracteristicas.html>

FIGURA 4 - TUTORIAL PARA IDENTIFICAR NOTÍCIAS FALSAS



Ao compararmos os pontos levantados pelo site com que foi visto de estratégia de narrativa no presente estudo chegaremos ao seguinte resultado:

<b>Como reconhecer uma notícia falsa</b>		Discurso	Plurilinguismo	Verossimilhança c/ Real	Suspensão da Incredulidade	Personagens planos e redondos
1	<i>Cita nomes de pessoas ou de instituições para conseguir mais credibilidade</i>			✓		✓
2	<i>Usa nomes de pessoas inexistentes com cargos de nomes pomposos e/ou de instituições que não existem</i>					✓
3	<i>Não é datada para que o leitor sempre tenha a impressão de que a notícia é recente</i>		✓			
4	<i>Pede para se repassada ao maior número de pessoas</i>	✓				
5	<i>Possui um texto incoerente e confuso</i>	✓				
6	<i>Ausência de fontes</i>				✓	
7	<i>Trata de algum assunto que atraia a maior quantidade de leitores</i>		✓	✓		
8	<i>Possui um tom conspiratório</i>	✓				
9	<i>Usa algumas palavras em letras maiúscula e/ou coloridas para chamar a atenção do leitor</i>	✓				
10	<i>Mistura fatos reais com ficção</i>			✓	✓	

FIGURA 5– CARACTERÍSTICAS FICCIONAIS EM NOTÍCIAS FALSAS

Estes modelos demonstram como a reação do leitor é ainda impactada por estas narrativas na contemporaneidade, tornando a mentalidade um caminho relevante para o historiador construir uma narrativa capaz de explicar também, através da História Cultural, os eventos recentes.

## 6 COMBATE À NARRATIVA CONSPIRATÓRIA

Poderíamos comentar as observações dos psiquiatras dizendo que a crença na conspiração dos outros contra nós não é novidade; seguramente atormentou certos homens em todos os tempos e em todos os cantos do mundo. Nunca e em nenhum lugar faltaram pessoas prontas a encontrar uma lógica para sua infelicidade, frustrações e derrotas humilhantes atribuindo a culpa a intenções malévolas e mal-intencionados planos alheios. O que é novo é que são os assaltantes (juntamente com os vagabundos e outros desocupados, personagens estranhos ao lugar que se movem) que levam agora a culpa, representado o diabo, os íncubos, maus espíritos, duendes, mau-olhado, gnomos malvados, bruxas ou comunistas embaixo da cama. (BAUMAN, 2001, pp. 119-120)

Não há uma forma exata para contrapor uma narrativa conspiratória, na verdade, trata-se de um problema social que ainda estamos a perceber e a entender. Bauman (2001) em seus estudos sobre a sociedade contemporânea atribui esta percepção à "*modernidade líquida*" em que vivemos, termo cunhado para demonstrar as fragilidades e flexibilidades das relações sociais que tendem para o individualismo social, isto é, uma sociedade de indivíduos vivendo e interagindo entre si sem compromisso em manter uma relação duradoura, ou sólida. Mas, alguns caminhos foram sugeridos, consideremos a análise de Chartier (2002) ao que se refere à revolução da textualidade digital na experiência do leitor:

Essa revolução modifica, ainda, o que se poderia chamar a ordem das razões, se com isso entendermos as modalidades das argumentações e os critérios ou recursos que o leitor pode mobilizar para aceita-las ou rechaçá-las. Por um lado, a textualidade eletrônica permite desenvolver as argumentações e demonstrações segundo uma lógica que já não é necessariamente linear nem dedutiva, tal como dá a entender a inscrição de um texto sobre uma página, mas que pode ser aberta, clara e racional graças à multiplicação dos vínculos hipertextuais. Por outro, e como consequência, o leitor pode comprovar a validade de qualquer demonstração consultando pessoalmente os textos [...] que são objeto da análise se, evidentemente, estiverem acessíveis numa forma digitalizada. [...] Nesse sentido, a revolução da textualidade digital constitui também uma mutação epistemológica que transforma as modalidades de construção e crédito dos discursos do saber. (CHARTIER, 2002, pp. 24-25)

Na nova perspectiva do acesso às mídias digitais, acaba se tornando responsabilidade do consumidor modelo a busca por uma fonte para depositar sua credibilidade. Neste esforço de combate às *fakeNews* e outros, há o argumento de ser necessário o aperfeiçoamento na comunicação disputando a credibilidade do discurso, e ainda o posicionamento de que não adianta tentar combater, uma vez que pode ser interpretado como uma forma de censurar uma "verdade", ainda segundo esta postura, buscasse divulgar uma versão apurada dos fatos sem colidir com o boato em si.

De certa forma, todos os caminhos levam à experiência do leitor e às suas escolhas, pois em última instância o leitor decide acreditar. A narrativa com toda sua estratégia e elementos ficcionais, quase como se fosse uma entidade metafísica, possui esta capacidade de

convencimento. Sua importância só foi possível a partir do momento em que considerou-se todos estes eventos históricos estudados, seja pelo viés do objeto como foi por Roberts (2012) e Cohn (1969), seja pelo viés da circunstância como se apresenta em Girardet (1987).

## 7 A NARRATIVA NA HISTÓRIA CULTURAL

Mas as dificuldades da história são também de uma outra essência. Pois, em última instância, ela tem como matéria precisamente consciências humanas. As relações estabelecidas através destas, as contaminações, até mesmo as confusões da qual são terreno constituem, a seus olhos, a própria realidade. (BLOCH, 2002, p.132)

Estudar as mentalidades é um desafio de sensibilidade e de interpretação, pois o ser humano como agente histórico reage a certos tipos de estímulos, seja através do tempo ou do local, os desafios que se apresentam diante de seu momento de vida requerem respostas que podem ser movidas por sua bagagem cultural ou por sua inovação. Assim como apontado por Roberts (2012), durante muito tempo a História tratou os temas referentes às narrativas conspiratórias, marginalizadas, ora por não reconhecer sua importância, devido ao aspecto filosófico em que se baseava, ora por não possuir ferramentas de análise para serem utilizadas.

Atualmente, torna-se o objeto de maior interesse da História das Mentalidades os mecanismos de pensamentos ou quais são os critérios que motivam a ação para responder a estímulos sociais e políticos, por exemplo. Portanto, a citação de Bloch nos ilustra o conceito de uma realidade entendida e não como ela se apresenta, e é por meio desta interpretação de realidade que se conseguiu avançar sobre novas abordagens na historiografia, tais como a Micro História, História visto de baixo, perspectiva dos movimentos de massa, inventário cultural e etc.

Apesar de diferentes formas de abordagens metodológicas no objeto a ser investigado pelo historiador das mentalidades, o conceito de narrativa sofreu várias transformações, assim como próprio ofício do historiador, conforme a abordagem filosófica do momento. Se considerarmos o período em que se começou a registrar a influência da escola dos *Annales* (ou seja, a partir de 1929), já teremos uma ideia do quanto a narrativa mudou através de seu estilo e objetivo, sendo até preterida pelo uso da descrição de estruturas.

O debate filosófico a respeito do protagonismo das experiências humanas impactou no exercício de composição narrativa por parte da História, o que nos ajuda a entender o porquê se demorou a alcançarmos a percepção do impacto narrativo mitológico através das abordagens mencionadas.

Tomemos, por um momento, o trabalho desenvolvido por White (1992) ao “catalogar” os estilos narrativos da historiografia no século XIX em seu livro, *meta história*:

As conclusões gerais que extraio do meu estudo da consciência histórica oitocentista podem ser assim sumariadas:

1. Não pode haver “história propriamente dita” que não seja ao mesmo tempo “filosofia da história”;
2. Os modos possíveis de historiografia são os mesmos que os modos possíveis de filosofia especulativa da história;
3. Esses modos, por sua vez, são na realidade formalizações de intuições poéticas que analiticamente os precedem e que sancionam as teorias particulares usadas para dar aos relatos históricos a aparência de uma “explicação”;
4. Não há apodicticamente premissas teóricas infalíveis em que se possa de forma legítima assentar uma justificativa para dizer que um dos modos é superior aos outros por ser mais “realista”;
5. Em consequência disso, estamos irremediavelmente presos a uma escolha entre estratégias interpretativas opostas em qualquer esforço de refletir sobre a história em geral;
6. Como corolário disso, os melhores fundamentos para escolher uma perspectiva da história em lugar de outra são em última análise antes estéticos ou morais epistemológicos; e, finalmente,
7. A exigência de cientificização da história representa apenas a declaração de uma preferência por uma modalidade específica de conceptualização histórica, cujas bases são ou morais ou estéticas, mas cuja justificação epistemológica ainda está por estabelecer. (WHITE, 1992, p.14)

Não assumindo a responsabilidade da explicação dos sete pontos, o qual o leitor deve buscar no livro de White (1992) uma melhor defesa e apresentação, mas alguns pontos, assim como o entendimento geral de seu sumário, merecem aqui ser ressaltados. A correlação entre a história e a filosofia da história, ao invés de acaso denota certa interdependência, pois o historiador, ao exercer sua investigação, está imerso em sua forma de compreender o mundo e esta percepção transparece no método utilizado além do estilo de narrativa que adotará, pois, será inserida em um contexto de narrativas o qual entende que sua história se enquadra. White (1992) disserta sobre os estilos e tem como um dos pontos-chave o que ele chama de “intuições poéticas”, ferramenta de linguagem utilizada pelos historiadores em suas narrativas que, além de representar a concepção de mundo, denotam o tipo de enredo; ora a historiografia oitocentista passou por vários ciclos de estilos entre seus autores mais influentes até alcançar a sátira que se utiliza da intuição poética irônica, a qual não enxerga um sentido motivador de uma concepção de representação da realidade que seja capaz de dar acesso ao passado, uma espécie de visão niilista tornando-se uma aporia conceitual.

O próprio trabalho de White se conclui com este argumento, onde, uma vez catalogada as possíveis variações na construção de uma narrativa no século XIX, informa ao seu leitor que não conseguiria replicar seu estudo na busca de uma novidade no século XX por acreditar encontrar os mesmos resultados, limitando o fazer história e explicitando a aporia.

Historicismo, Marxismo, Positivismo, Estruturalismo, enfim, a lista de perspectivas prossegue e, diferente do que se possa imaginar quanto à concepção de mundo, não há

realidades mais certas que outras, como White (1992) observa, é tudo questão de escolha. Desta forma, apresentando-se como alternativa às concepções mecanicistas de compreender história, os *Annales* apareceram sem compromisso com nenhum dogma, pelo contrário, sua abordagem da história compreendia os mesmos objetos, mas descrevia enredo possuindo como foco a *história problema*, conduzia seus leitores ao diálogo entre presente e o passado, na compreensão de seu contexto social e a partir daí conjecturar possibilidades futuras.

Bloch (2002), um dos fundadores dos *Annales*, em sua *Apologia* já havia nos avisado sobre como a relação entre o presente e o passado atija o apetite investigativo e, sem medo de anacronismo, o estudo histórico balizado por métodos respeitáveis se faz importante para a degustação de fatos e acontecimentos do passado, sua abordagem visava às mudanças e detinha uma visão antropocêntrica dos acontecimentos.

Os historiadores dos *Annales* estão pouco preocupados em descobrir as leis na história. Seu empirismo espontâneo conduziu-os a se concentrarem no como, muito mais do que no porquê, apesar do conceito de história-problema. Esse traço reata também os *Annales* à continuidade do discurso histórico. Marc Bloch e Lucien Febvre permaneceram partidários de uma escritura antropocêntrica, o homem é o único objeto de preocupação do historiador, ele é o próprio sentido de seu trabalho. Certamente, esse homem não é realmente o mesmo da escola metódica, que privilegiava os grandes, os mais altos responsáveis do estado; trata-se, aqui, mais do homem dos trabalhos e dos dias, do homem médio. (DOSSE, 1994)

Febvre (2009) investigou, dentre outros objetos, a fé no fim da Idade Média, ou seja, uma abordagem que privilegiava o social e objetos que eram abordados de forma marginal pela historiografia marxista e historicista até então, pois, conforme nos esclarece a análise de Dosse (1994) a estratégia da revista era se consolidar no conhecimento histórico principalmente após o resultado da barbárie da segunda guerra mundial (explosões de bombas atômicas, genocídios, envolvimento de civis em palco de guerra, crise econômica):

Diante dessa nova situação, sentimos a necessidade, na história, de novas categorias de análises para melhor se perceber as evoluções em curso. [...] O resultado dessas transformações é o fenômeno de rejeição de uma história puramente nacional e a reaproximação com as outras ciências sociais. (DOSSE, 1994)

E, pela pujança da História sobre as ciências sociais se iniciou um movimento imperialista de absorção de métodos oriundos de outras áreas, como a sociologia, geografia, psicologia e, à medida que se seguia o sucesso dos *Annales*, sua concepção de história se reinventava, assim a História assumia preponderância sobre as outras áreas de conhecimento. Tal situação chegou ao ponto crítico a partir da ameaça da etnologia, o qual os *Annales* se utilizando do mesmo mecanismo de absorção de métodos, através de Braudel, apresentaram a teoria dos três tempos, onde concebia que a realidade poderia ser observada em três níveis: o

tempo longo, o tempo médio (dos ciclos) e o tempo curto, neste último a etnologia poderia se deter, pois caberia à história o tempo de longa duração.

Ora, o tempo de longa duração, segundo Braudel, é onde se encontram as grandes estruturas que cabem à História analisar, os acontecimentos são como espumas da onda do mar e as grandes estruturas o oceano. Sobre esta perspectiva, é possível perceber a dificuldade do historiador em contextualizar os acontecimentos contemporâneos como dignos ou não de serem mencionados, seriam eles mero evento ou faziam parte de um ciclo, ou ainda uma nova perspectiva que reforçava a estrutura? Em suma, “O humanismo de Marc Bloch e Lucien Febvre apaga-se, portanto, diante do Jogo Inexorável das forças econômicas e o homem se encontra descentralizado dos estudos históricos.” (DOSSE, 1994)

A História perde sua dinâmica na defesa da longa duração, a aporia da relevância dos acontecimentos só seria enfrentada a partir da 3ª geração dos *Annales* com o preço de flexibilizar a visão braudeliana. Nesta esteira se encontra a historiografia das mentalidades. Cada filosofia ou concepção norteou o estilo e a forma de narrativa, mas estes exemplos, ao contrário de informar a trajetória de se fazer história, deve nos ilustrar das dificuldades do caminho. Apesar das aporias filosóficas terem atrasado a perspectiva cultural, não a impediu de surgir e de buscar um objetivo utópico: se aproximar da História Total, isto é, sermos capazes como historiadores de mapear o maior número possível de ângulos e aspectos da realidade.

Diferente do protagonismo do tempo braudeliano, o acréscimo de historiadores sociais ou culturais enxergando na história um tipo de enredo antropocêntrico contribuem para o debate do conhecimento histórico que amadurece através do choque de narrativas e perspectivas, e ainda como Gay (1990) indica “*São precisamente os conflitos de interpretação que dão a medida do grau insatisfatório em que se encontram os conhecimentos da disciplina histórica naquele aspecto específico.*” Tornando-o um motor de refinamento e estudo dos conceitos.

Ter este tipo de visão no campo da disciplina se traduz em herdar todo o esforço do século XX em criar uma linguagem similar e específica para se estabelecer como ciência, assim como de todo século XIX que a duras penas estabeleceram métodos através da polifonia de representação da realidade diante das várias possibilidades de teorias e filosofias da História.<sup>15</sup> Mas, o compromisso com a representação do passado, tendo como foco a

---

<sup>15</sup> Para mais detalhamento recomenda-se a análise de Hayden White em *Meta-História*, (White 1992)

realidade, tem-se estabelecido por vários historiadores, como o famoso texto de Humboldt: “*A Tarefa do Historiador*”, nos serve de emblema do esforço de historiadores anteriores na construção de mecanismos e formalizações com o intuito de enriquecer a história com distinção e integridade, pois, por ser capaz de alinhar e definir um sentido de vida, a responsabilidade dos que atuam nesta área do conhecimento humano é retumbante, considerando que um equívoco<sup>16</sup> pode levar gerações para a crise ou uma realidade concebida de forma deturpada, da mesma forma ou até pior que teorias conspiratórias.

Não é em vão o comentário de Hobsbawn (1998) em palestra inaugural do ano acadêmico de 1993-94 em uma universidade no centro europeu com alunos oriundos de várias nações, com históricos recentes de conflitos, o qual se utilizou para contemplar a importância de seu ofício:

Eu costumava pensar que a profissão de historiador, ao contrário, digamos, da de físico nuclear, não pudesse, pelo menos, produzir danos. Agora sei que pode. Nossos estudos podem se converter em fábricas de bombas, como os seminários nos quais o IRA aprendeu a transformar fertilizante químico em explosivos. Essa situação nos afeta de dois modos. Temos uma responsabilidade pelos fatos históricos em geral e pela crítica do abuso político-ideológico da história em particular. (HOBSBAWN, 1998, p. 19)

A responsabilidade pelos estudos dos fatos históricos se traduz nos esforços de se criar modelos explicativos e em respeitar e aprimorar métodos de investigação e análises das fontes. E, entretanto, no que se refere aos abusos político-ideológicos há uma certa resistência em enxergar ou traduzir em ações a concepção do historiador como um ator político consciente, no qual não só tenha o juízo, mas a idoneidade de aplicar em sua escrita a ponte para o conhecimento, ou seja, tornar acessível o resultado de suas pesquisas, alcançando um público mais abrangente se deixando levar além das muralhas castelares que por tanto tempo se limitou<sup>17</sup>. Esta resistência ou desafio<sup>18</sup> que Hobsbawn (1998) classificou como características negativas do engajamento facilita a possibilidade dos abusos do conhecimento histórico adquiridos em circunstâncias que se permitem até a negação de um fato histórico constatado para servir à promoção de algum projeto.

---

<sup>16</sup> Equívoco que pode ser traduzido como displicência ou até mesmo uma tendência para implicações ideológica para utilizar o termo desenvolvido por White.

<sup>17</sup> A polifonia de correntes historiográficas sobre determinado campo histórico em sua maior parte se mantém na academia ou círculos especializados, quando algum material vaza pelo mercado editorial que já possui seus desafios de distribuição no mercado consumidor, ocorre com uma linguagem que inibe o grande público perdendo espaço para outros títulos cunhado por outras áreas tendo a análise do mesmo objeto. O retorno social do conhecimento histórico requerido não se torna eficiente dando margens à interpretações de análises alheias às polifonias historiográficas, quando não as pautam.

<sup>18</sup> (Hobsbawn 1998, 178)



A história mal-entendida, caso não se tome cuidado, seria muito bem capaz de arrastar finalmente em seu descrédito a história melhor entendida. Mas se um dia chegássemos a isso, seria ao preço de uma violenta ruptura com nossas mais constantes tradições intelectuais. (BLOCH, 2002, p.42)

O propósito da História das mentalidades, portanto, não é ignorar ou mesmo anular a perspectiva da tradição estruturalista ou ainda das grandes narrativas de personagens “históricos” como reis e generais, mas inspirados em trabalhos como de Febvre, Bloch, Thompson, Darton, Ginzburg, Peter Burke entre outros, ampliar as dimensões do conhecimento sobre o passado, tangenciando uma ideia de História total<sup>19</sup>, mesmo sabendo se tratar de um objetivo utópico, seu exercício nos premia com resultados mais complexos, sensíveis e humanos. A abordagem da História Cultural é proveitosa se utilizada com o intuito de promover uma acuracia das informações e não como proposta de revisionismo e para tal se faz necessário concebê-la como relevante para compreender, por exemplo, a relação entre o impacto narrativo da conspiração e o uso de seu discurso no evento do genocídio judaico ou das *fakenews* na eleição presidencial americana de 2016. Tendo como foco a investigação de uma ideia que por possuir uma natureza subjetiva ou como diria Dilthey (2010) espiritual, nos desafiará através do entendimento da compreensão dos agentes históricos envolvidos.

---

<sup>19</sup> Em “O grande massacre de gatos” Darton cita uma visão da historiografia francesa que tenta explicar a ascensão da classe média através de um modelo explicativo que contempla categorias em 3 níveis: “o econômico, o social e o cultural. Quanto mais profundo o nível, mais poderosa a força. Assim, as transformações econômicas produzem transformações na estrutura social e, em última instância, nos valores e ideias.” Ainda segundo Darton “a tendência dominante nos ensaios históricos franceses a partir dos anos 50, e até os anos 70, era a tentativa de criar uma história total, baseada num modelo de causalidade com três níveis.” (Darton 1992, 146)

## 8 CONCLUSÃO

Estamos cercados por inúmeras narrativas que se apresentam de várias formas e amplitudes. Somos guiados, individualmente, por narrativas próprias que interagem e dialogam com outras narrativas mais amplas, intimistas, coletivas, singulares e etc.

Bauman (2001) ao descrever a modernidade líquida, oferece-nos uma realidade baseada em interações sociais formadas por uma rede de contatos que, diferente de outros tempos construídos por elementos mais sólidos como instituições ou estruturas sociais de longa duração, possui uma lógica mais individualista, talvez esta seja a chave para compreendermos o momento atual. Nossas interações mudaram, assim como nossa percepção. Como já foi mencionado por Chartier (2002), um livro de história pode ser ratificado ou questionado por seu leitor em questões de minutos através de uma simples consulta na internet, mas não é sobre o processo de convencimento de que se tratou esta pesquisa. Cabe ressaltar que este compromisso não é de responsabilidade única do historiador, absolutamente, mas é perceptível que sociólogos, cientistas políticos, jornalistas entre outras carreiras perceberam a importância desta ferramenta enquanto muitos historiadores comprometidos com a erudição perdem aos poucos a conexão com seus leitores ou idealizam um estereótipo elitizado.

As narrativas mitológicas ganharam espaço em um período em que as mentalidades não eram objetos de estudos históricos possibilitando assim seu crescimento junto às estruturas fictícias e de caráter político. Não apenas o ciclo conspiratório, mas todo o modelo de Girardet (1987) aponta para esta realidade que dialoga com o período de crise, o qual devido à influência do sistema econômico em crises cíclicas podemos concluir que possui uma tendência de se repetir em diferentes momentos.

Apesar disso, não podemos deixar de considerar o peso que a cultura carrega nesta perspectiva, pois, com seu auxílio que se constrói a cosmogonia, seja coletiva ou individual, que cada um adotará para entender a crise e seu papel nela, seja como vítima, como a narrativa conspiratória indica, ou como parte do processo como a narrativa histórica das mentalidades expõe. Sobre esta última é interessante notar como ela é capaz de devolver o protagonismo a quem faz parte do processo, pois, uma vez identificando-se, é capaz de construir agências de participação na realidade, diferente da narrativa ficcional que rotula a quem envolve num papel plano, diante de protagonistas ocultos, poderosos e perigosos.

O retorno da narrativa ou a sua ressignificação se torna bem-vindo para o estudo das mentalidades, as técnicas desenvolvidas após a quebra do paradigma braudeliano serviram para aumentar o espectro de possibilidades de investigação da história devolvendo, através do estudo das mentalidades, por exemplo, o protagonismo da sociedade e ou das aglomerações de indivíduos, considerando a atual conjectura líquida. Os limites dos modelos matemáticos que explicam, mas não possuem testemunhas, construíram uma ponte com os relatos que não possuíam lógica através da narrativa cultural da história. As perspectivas aumentaram por este vié se o braço da história cultural ganhou um terreno para conquistar, justamente o espaço entre a narrativa metodológica e a ficcional. Os eventos têm sua importância diante das estruturas e o diálogo da História com os outros campos do saber contribuem de forma significativa para a construção do conhecimento. Burke (1992), em suas pesquisas no campo da história cultural aponta alguns trabalhos capazes de construir estilo de narrativas peculiares ou inovadores que talvez desafiem as opções limitadas em "*Meta História*" por White (1992), no entanto, este não deve ser o principal objetivo da disciplina. Representar a realidade se utilizando de diferentes vozes e fontes, com abordagens metodológicas com diálogos em diferentes áreas deveria ser um exercício naturalizado, mas tudo se inicia tomando conhecimento das ferramentas mais básicas como é a narrativa.

A História é uma disciplina que trabalha com o sentido de realidade, nos dias presentes, poucas coisas demonstram tanto poder, e sua narrativa deve condizer com esta responsabilidade. Sua representação, independente do valor político, uma vez que não consideramos a existência da imparcialidade, deve se basear em fatos e fontes de forma que impossibilite a repetição de eventos como de genocídios e outras manifestações de violações dos direitos humanos baseados em delírios ou ficções. Portanto, mesmo que para o grande público fora dos domínios acadêmicos a História seja mais uma opção de explicação, esta tem o dever social de se fazer ouvida para ser debatida, contribuindo para a formação de um público crítico, independente da mídia ou plataforma. Assim, cria-se a resistência de forma educativa contra narrativas mitológicas, superficiais, rasas, baseadas em cismas e preconceitos. Talvez este caminho seja um dos poucos, mas viável, para responder ao questionamento de intelectuais como Nicolas (2016) que em artigo recente a respeito do tema questiona:

Então, uma questão se impõe, ela é crucial e repleta de implicações: é necessária uma maior influência das ciências e de suas certezas vitoriosas, ou uma maior prática da argumentação e uma melhor transmissão (no espaço escolar) das ferramentas retóricas suscetíveis de modificar em profundidade nossa relação com a narrativa e com o discurso em geral? (NICOLAS, 2016, p. 276)

Tal estratégia, por mais trabalhosa que seja é a mais factível. Afinal, não se pode deixar de considerar que a narrativa conspiratória, assim como outras tem o direito de existir. Porém, considerando um cenário de educação da crítica, restarão entre seus defensores, apenas aqueles que optaram por tal visão de mundo. Cabe, portanto, ao historiador ou ao estudante de história compreender o peso da narrativa e na escolha do estilo, observar suas características e se atualizar com o novo cenário em que vive, para apresentar os resultados de suas pesquisas. Dialogar com a realidade de seu leitor e fomentar suas críticas.

Nesta pesquisa, as narrativas conspiratórias foram analisadas à luz de técnicas ficcionais, apesar de tráfegar sob bibliografias da história política, algumas poucas evidências, mas relevantes, apontavam que aspectos culturais como a mídia de entretenimento, foram chaves para sua ampla divulgação seja no período da revolução francesa, através de panfletagem ou publicações, como nos períodos contemporâneos com boatos eletrônicos e *fakenews*.

Além disso, o estilo narrativo destas mídias acrescentaram pontos de contato com o estilo narrativo moderno de romances literários, como foram observados pela crítica especializada e por terem evoluído compartilhando do mesmo período, ambos os fenômenos se tangenciaram compartilhando influências entre si. Devido a isso, filmes, livros, entre outras manifestações culturais populares e contemporâneas apresentam enredos conspiratórios.

Tal conclusão só foi possível porque a narrativa foi considerada chave para temas tão plurais o que evidencia sua relevância para se reconhecer, refletir e pensar.

## REFERÊNCIAS

- Aran, Edson. *O Livro das Conspirações*. São Paulo: SUMA de letras, 2016.
- Bakhtin, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética - A Teoria do Romance*. São Paulo: HUCITEC, 2014.
- Barroso, Gustavo, trad. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Revisão, 1991.
- Bauman, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001.
- Bentivoglio, Julio, e Alexandre de Sá Avelar. *Afirmção da História Como Ciência no Século XX - De Arlette Farge a Robert Mandrou*. Rio de Janeiro: VOZES, 2016.
- Bertasso, Robson. “História e Narrativa: Princípios Conceituais.” *Revista Vernáculo*, 2017: 189-197.
- Bloch, Marc. *Apologia da História Ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- Burke, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989) - A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Unesp, 2010.
- . *A Escrita da História Novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- . *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- . *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- Chartier, Roger. *A nova história cultural existe? In: Lopes, Antonio Herculano et alii. (orgs.) História e linguagens. Texto, imagem, oralidade e rerepresentações. pp.29-43*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006.
- . *Os Desafios da Escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.
- Cohn, Norman. *A Conspiração Mundial dos judeus: Mito ou Realidade - Análise dos protocolos e outros documentos*. São Paulo: IBRASA, 1969.
- D'Alessio, Marcia Mansor. “Teoria e História: Uma Relação Delicada.” *Expedições: Teoria da História & Historiografia*, 7, Nº2: 157-174.
- Darton, Robert. “História da Leitura.” In: *A escrita da história novas perspectivas*, por Peter Burke, 203-239. São Paulo: Unesp, 1992.

- Dilthey, Wilhelm. “A compreensão de outras pessoas e as suas manifestações vitais.” In: *A construção do mundo histórico nas ciências sociais*, por Wilhelm Dilthey, 185 - 205. São Paulo: UNESP, 2010.
- Dosse, François. *A História em Migalhas - Dos Annales à Nova História*. São Paulo: Unicamp, 1994.
- Eco, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- Estulin, Daniel. *A Verdadeira História do Clube Bilderberg*. Barcelona: Planeta, 2005.
- Febvre, Lucien. *O Problema da Incredulidade no Século XVI - A Religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- Forster, Edward Morgan. *Aspectos do Romance*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.
- Gallagher, Catherine. “Ficção.” In: *O Romance -Vol 1 - A Cultura do Romance*, por Franco Moretti, 629-658. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- Gay, Peter. *O Estilo Na História - Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- Ginzburg, Carlo. *O Queijo e os vermes*. São Paulo: Cia de Bolso, 2014.
- Girardet, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- H.G.Wells. *A Conspiração Aberta*. Campinas,SP: Vide Editorial, 2016.
- . *A Máquina do Tempo*. São Paulo: Francisco Alves, 1991.
- Hobsbawm, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Humboldt, WilhelmVon. “Sobre a Tarefa do Historiador.” In: *A História Pensada: Teoria e Método na historiografia europeia do século XIX*, por Estevão de Rezende Martins, 71 - 100. São Paulo: Contexto, 2010.
- J.M.Roberts. *A Mitologia das Sociedades Secretas*. São Paulo: Madras, 2012.
- Koselleck, Reinhart. *Futuro Passado - Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC RIO, 2006.
- Laraia, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2008.

- Levi, Giovanni. "Sobre a micro-história." In: *A escrita da história novas perspectivas*, por Peter Burke, 135-163. São Paulo: Unesp, 1992.
- Lévi-Strauss, Claude. *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70, 1978.
- Linard, Danilo. "'À meia-noite no cemitério..": narrativas de conspiração nas palavras do escritor Gustavo Barroso(1937)." *Revista de História UEG*, 2017: 64-85.
- Moretti, Franco. "O Século Sério." In: *O Romance - Vol 1 - A Cultura do Romance*, por Franco Moretti, 823-863. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- Nicolas, Loic. "As Teorias da Conspiração como espelho do século:Entre a retórica, a sociologia e a história das ideias." *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 2016: 255-279.
- Oliveira, Camila Klen de, e Germano Moreira Campos. "A História das Mentalidades: Trajetória, controvérsias e perspectivas para a contemporaneidade." *I Seminário Científico da FACIG*. Minas Gerais, 2015.
- Ricoeur, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Unicamp, 2014.
- Sharpe, Jim. "A história vista de baixo." In: *A Escrita da História: Novas Perspectivas*, por Peter Burke, 39-63. São Paulo: Unesp, 1992.
- Thompson, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- Watt, Ian. *A Ascensão do Romance - Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- White, Hayden. *Meta História - A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: edusp, 1992.